




UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

ANA CLAUDIA ROCHA AMARAL FIGUEIREDO

CRIAÇÃO, RESSIGNIFICAÇÃO E DIFUSÃO DE PALAVRAS
NO FACEBOOK

Campo Grande/MS
2017

M	 <p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL</p>
A.C.R.A. FIGUEIREDO	<p>ANA CLAUDIA ROCHA AMARAL FIGUEIREDO</p>
CRIAÇÃO, RESSIGNIFICAÇÃO E DIFUSÃO DE PALAVRAS NO FACEBOOK	<p>CRIAÇÃO, RESSIGNIFICAÇÃO E DIFUSÃO DE PALAVRAS NO FACEBOOK</p>
2017	<p>Campo Grande/MS 2017</p>

ANA CLAUDIA ROCHA AMARAL FIGUEIREDO

Criação, resignificação e difusão de palavras noFacebook

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Produção de texto oral e escrito: Sociolinguística

Orientador: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes

Campo Grande/MS
2017

F488c Figueiredo, Ana Claudia Rocha Amaral.
Criação, resignificação e difusão de palavras no Facebook/
Ana Claudia Rocha Amaral Figueiredo. – Campo Grande, MS:
UEMS, 2017.
105p.

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de
Mato Grosso do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes.

1. Linguística 2. Linguagem da internet. 3. Formação de
palavra I. Gomes, Nataniel do Santos II. Título

CCD 23. ed. - 410

ANA CLAUDIA ROCHA AMARAL FIGUEIREDO

Criação, resignificação e difusão de palavras no Facebook

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Produção de texto oral e escrito: Sociolinguística

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

Profa. Dra. Darcilia Marindir Pinto Simões – Titular
Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ

Prof. Dr. Daniel Abrão – Titular
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

Prof. Dr. Ruberval Franco Maciel – Suplente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

Prof. Dr. Luiz Carlos Pais – Suplente
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Campo Grande/MS, 7 de julho de 2017.

Ao Jakes, meu esposo e aos meus pais, Niva e Jefferson,
pelo apoio incondicional e incentivo constante.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida, e principalmente por sua piedade em todos os momentos da minha vida.

Ao Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes, meu orientador, por suas contribuições e orientações que muito enriqueceram a construção deste trabalho. Em suas aulas fui instigada e levada a questionar e descobrir novas formas de pesquisas, deste a historiografia linguística até os estudos mais recentes em linguística, sem falar que sempre incentiva seus orientandos a escrever artigos e capítulos em livros, a participar de congressos internacionais, nacionais e regionais, seja apresentando e publicando artigos até trabalhando como monitores desses eventos, demonstrando assim preocupação e zelo com nosso futuro acadêmico. Não posso esquecer das horas de conversa ouvindo-me e entendendo-me, pelos problemas que passei, e o mais importante acreditou em mim quando nem eu mais acreditava, por isso digo que além de ser um ótimo profissional é um ser humano maravilhoso, sempre disposto a ajudar.

À minha família, especialmente aos meus pais, meu esposo, minhas irmãs, meus sogros, amigos e amigas, que sempre me apoiaram em todas as fases do meu mestrado, entendendo minha ausência e incentivando-me todos os dias.

Aos amigos e colegas, do mestrado, especialmente a Marly Custódio e a Patrícia Damasceno Fernandes. Marly, pelo estímulo para minha entrada no mestrado, quanto também nesses dois anos, pelo apoio diário. Patrícia, que conheci ainda quando fiz minha primeira disciplina como aluna especial do programa de mestrado, que me acompanhou nesses dois anos, juntas fizemos muitas disciplinas, escrevemos e apresentamos artigos, viajamos, estudamos, sanamos dúvidas uma da outra e que esteve sempre ao meu lado, incentivando-me e apoiando-me nos momentos mais solitários da escrita acadêmica.

A todos os professores e os funcionários do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, área de concentração em Linguagem: língua e literatura, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, da Unidade Universitária de Campo Grande, especialmente ao professor Dr. João Fábio Sanches da Silva, coordenador do programa, quem esteve conosco, nos atendendo sempre com disposição à professora Dra. Aline Saddi Chaves, ao professor Dr. Ruberval Franco Maciel, pelas orientações e observações em minha banca de qualificação, que muito contribuíram para o melhor

desenvolvimento deste trabalho, e a todos os professores que ministram aulas magníficas colaborando para o meu crescimento acadêmico.

Aos professores Darcilia Simões e Daniel Abrão, que gentilmente aceitaram participar da minha defesa, fazendo os apontamentos necessários.

Língua

“Esta língua é como um elástico
que espicharam pelo mundo.
No início era tensa, de tão clássica.
Com o tempo, se foi amaciando,
foi-se tornando romântica,
incorporando os termos nativos
e amolecendo nas folhas de bananeira
as expressões mais sisudas.
Um elástico que já não se pode
mais trocar, de tão gasto;
nem se arrebenta mais, de tão forte.
Um elástico assim como é a vida
que nunca volta ao ponto de partida.”

Gilberto Mendonça Teles

FIGUEIREDO, A. C. R. A. **Criação, ressignificação e difusão de palavras no Facebook.** 2017. 105p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2017.

RESUMO

Apresentamos nesta dissertação as novas palavras que foram criadas pela necessidade do Facebook, vocábulos esses que foram produzidos para nominar aplicativos, ferramentas, objetos, profissões, usuários, entre outros relacionados à rede, além de vocábulos que ganharam novos significados com a utilização da rede, palavras essas que já estão dicionarizadas, no entanto na rede recebeu outro significado, sentido esse que ainda não está nos dicionários consultados e também novas palavras que não foram criadas pela necessidade da rede, mas teve sua divulgação por meio do Facebook, sendo publicada em postagens da referida rede. Palavras essas analisadas individualmente ou em grupos, verificando se estão de acordo com os processos de formação de palavras da língua portuguesa, segundo os pressupostos teóricos do gerativismo baseados em Basílio (1987 e 2013), Kehdi (2003) e Alves (2007). Como corpus de exclusão utilizamos dois dicionários on-line Houaiss (2012) e Michaelis (2017), as palavras que não constam em nenhum desses dicionários, foram consideradas neologismo e assim foram analisadas, na ressignificação se o sentido que estava no glossário da rede não estivesse nos dicionários também foram analisadas.

Palavras-chave: Linguística – Pesquisa – Linguagem da internet - Formação de palavras- Facebook

FIGUEIREDO, A. C. R. A. **Criação, ressignificação e difusão de palavras no Facebook.** 2017. 105p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2017.

ABSTRACT

We present in this research new words that were created by Facebook need, and these words were crafted in order to address applications, tools, objects, professions, users and other functions linked to the net, in addition to words that received new meanings, but these meanings are not presented in the searched dictionaries. The study also comprehends new words that were not produced by net demand, but have their dissemination by means of Facebook, being published in posts of the social network mentioned. Words these analyzed both individually or in group, checking if they are in accordance with the processes of Portuguese word formation, in line with theoretical approach of generativism based upon Basílio (1987 and 2013), Kehdi (2003) and Alves (2007). On-line Houaiss (2012) and Michaelis (2017) were used as *cópus* linguistics.

Keywords: Linguistics – Research – Internet Language - Word Formation – Facebook

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Emotions.....	43
Imagem 2 – Página inicial do Facebook.....	52
Imagem 3 – Botão curtir do Facebook.....	88

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Razões pelas quais se usa a internet.....	36
Gráfico 2 – Plataforma de uso da internet.....	39
Gráfico 3 –Frequência de uso da internet por faixa etária.....	46
Gráfico 4 – Redes sociais mais utilizadas.....	51
Gráfico 5 – Processo de formação de palavras na criação lexical.....	95
Gráfico 6 – Classes gramaticais das novas criações lexicais.....	96
Gráfico 7 – Classes gramaticais das novas criações lexicais.....	97
Gráfico 8 – Processo de formação de palavras na difusão lexical.....	98
Gráfico 9 – Classes gramaticais das novas palavras na difusão lexical.....	99

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. ALINGUAGEM	19
1.1 Origens da linguagem.....	19
1.2 Abordagens da linguagem até o fim do século XX.....	20
1.3 A linguagem pós-humana.....	21
1.4 Linguística da internet.....	22
2. A INTERNET	25
2.1 O surgimento da internet.....	27
2.2 A internet no Brasil.....	31
2.3 As vantagens da internet.....	34
2.4 Ciberespaço.....	37
3. A ESCRITA VIRTUAL	41
3.1 Nativos e imigrantes digitais.....	44
3.2 A linguagem da internet.....	47
3.3 As redes sociais.....	49
3.4 Rede Social Facebook.....	51
4. A FORMAÇÃO DE PALAVRAS EM LÍNGUA PORTUGUESA	55
4.1 Derivação.....	63
4.1.1 Derivação regressiva.....	64
4.1.2 Derivação parassintética.....	66
4.1.3 Derivação imprópria.....	66
4.2 Composição.....	67
4.3 Siglagem.....	68
4.4 Hibridismo.....	69
4.5 Reduplicação.....	69
4.6 Truncamento.....	69
4.7 Palavra-valise ou cruzamento vocabular.....	70

5. Análise de dados coletados no Facebook.....	71
(i). Criação lexical nas redes sociais.....	71
(ii). A resignificação do léxico nas redes sociais.....	78
(iii). Difusão de palavras por meio das redes sociais.....	86
5.1 Resultados.....	94
5.1.2 Criação lexical.....	94
5.1.3 Resignificação.....	96
5.1.4 Difusão lexical.....	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	102

INTRODUÇÃO

É principalmente por meio da língua que nos comunicamos, embora não seja a única forma existente, podemos nos comunicar por meio da escrita, gestos, sinais, imagens, sons, expressões corporal e facial, entre outras, e utilizamos essas variadas formas para expressarmos nossas ideias e sentimentos. Isso, desde a época das cavernas, em que eram utilizados desenhos para expressarem ideias e pensamentos. Hoje temos várias formas de comunicação; com o advento da tecnologia novas formas foram criadas e fomos adaptando nossa língua para essas diversas formas de comunicação.

Vivemos em um mundo globalizado e conectado, em que notícias e informações são compartilhadas de forma imediata, pois estamos acessando ambientes virtuais a todo momento, seja para buscarmos informações seja para entretenimento. Para atender as demandas de comunicações desses ambientes criamos novos vocábulos, ressignificamos palavras já existentes e difundimos novas palavras, enriquecendo assim nosso acervo lexical.

A rede social é o lugar (virtual) onde as pessoas se relacionam e se comunicam com as outras de acordo com suas preferências e interesses em comum e, uma das redes sociais mais utilizadas pelos brasileiros é o Facebook, motivo pelo qual a escolhemos para ser o corpus da nossa pesquisa. Para isso foi eleita a página oficial do *Facebook* Brasil, onde selecionamos palavras que foram criadas pela necessidade do uso da referida rede, palavras que tiveram seus significados alterados na rede e também novas palavras que foram difundidas através das redes sociais.

Nosso *corpus* da pesquisa as novas palavras criadas nas redes sociais, são objetos para estudo com base na linguística. A linguística, que abrange vários aspectos, em nossas análises adentramos pela morfologia e pela semântica. Quanto aos fatores sociais ficamos com a sociolinguística. Buscamos ainda a linguística da internet, um novo conceito apresentado por Crystal (2013), que se refere às pesquisas realizadas na internet.

Na análise de dados, comparamos se as novas palavras criadas estão de acordo com os processos de formação de palavras de Basílio (1987 e 2013), Kehdi (2003) e Alves (2015); e também se os sentidos encontrados no dicionário são os mesmos dados pelo glossário do *Facebook*, verificando assim se esses vocábulos ganharam

novos sentidos de acordo com a necessidade de ferramentas e aplicativos existentes na rede.

A metodologia adotada nesta dissertação é a pesquisa bibliográfica, a qual Pizanni (2013 p. 2) assim explica: “Entende-se por pesquisa bibliográfica a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico”. Já que coletamos dados da internet e buscamos em livros a base teórica para nossas análises, que é de natureza quantitativa, verificamos o número de ocorrências de cada processo, assim como de cada classe gramatical. Sendo assim, verificamos nas redes sociais as novas palavras e usamos como corpus de exclusão dois dicionários online *Houaiss* (2012) e *Michaelis* (2017), assim se a palavra não constar em nenhum dos dicionários, esta será analisada, caso não esteja a descartamos.

Nosso objetivo geral é verificar se as novas palavras seguem em sua formação os processos existentes em língua portuguesa e também mostrar os novos sentidos que palavras já existentes ganharam com o uso do Facebook. As análises das palavras estão divididas em três itens: a) criação lexical; b) ressignificação e c) difusão lexical. Em cada item analisamos cada palavra individualmente, em (a) e (c), verificamos seu processo de formação, sua nova classe gramatical e seus significados e em (b) comparamos o significado de cada palavra na rede social com os que constam do corpus de exclusão.

A presente pesquisa está organizada em 05 (cinco) capítulos a saber: 1- Linguagem; 2- A internet; 3- A escrita virtual; 4- Formação de palavras em língua portuguesa e 5- Análise de dados. No primeiro capítulo abordamos o que é linguagem e os estudos relacionados a ela, que surgiu da necessidade que o ser humano tinha de comunicar-se. Apresentamos sua origem e suas abordagens até o fim do Século XX como: gramática, filologia, linguística, que está dividida com foco de análise em: linguística descritiva, linguística histórica, linguística teórica, linguística geral e linguística aplicada. Já na descrição da língua temos: fonologia, morfologia, sintaxe e semântica e ao tratar-se com o social temos: psicolinguística, sociolinguística e etnolinguística.

No capítulo 2, sobre internet, primeiramente tratamos da facilidade que a internet nos proporciona. A seguir fazemos um breve histórico sobre o surgimento da rede no mundo até a sua chegada ao Brasil. São informações técnicas que relatam qual foi o objetivo de sua criação e também sua gradativa implantação, passando primeiramente para as universidades até chegar à maioria da população mundial.

Continuamos este capítulo apresentando as vantagens dessa rede, bem como o que é ciberespaço, que segundo Levy (1999), “é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores.”

No capítulo seguinte, o terceiro, falamos primeiro sobre a escrita virtual, que difere da escrita convencional, pois, se há alteração do ambiente em que é utilizada, há também modificação em sua forma. No item seguinte, tratamos sobre nativos e imigrantes digitais, para em seguida abordar a linguagem da internet, que é a linguagem utilizada pelos usuários da grande rede, também conhecida como internets. A seguir, apresentamos as redes sociais, de onde extraímos nosso corpus de pesquisa; e para finalizar o capítulo, falamos especificamente sobre a rede social Facebook.

No capítulo 4, o tema abordado é a formação de palavras em língua portuguesa e os processos mais utilizados em nossa língua como: derivação, composição, siglagem, hibridismo, reduplicação, truncamento e cruzamento vocabular.

Para finalizar, apresentamos análises dos dados coletados no Facebook, que está distribuída da seguinte forma: criação lexical nas redes sociais, ressignificação do léxico nas redes sociais e difusão de palavras por meio das redes sociais, cujas análises são feitas por palavra ou grupo de palavras, logo após tratamos dos resultados obtidos.

1. A LINGUAGEM

Para discutir e entender o processo de formação de palavras que tem ocorrido nos últimos tempos motivado pelo mundo virtual é preciso ter uma visão clara da linguagem e como ela foi e continua sendo estudada.

De forma simples, podemos definir a linguagem como um conjunto de sinais que a humanidade usa de forma intencional para se comunicar, para trocar ideias e expressar pensamento, logo, sendo um sistema de comunicação. (SANTOS, 2011, p. 4).

A linguagem faz uso de vários recursos para estabelecer a comunicação, tais como as palavras, os gestos, a fala, os desenhos, os sinais, os sons, as cores, as expressões faciais e olhar. Temos dois tipos sinais para classificar a linguagem: verbal e não verbal. A linguagem verbal se realiza por palavras, tanto escrita quanto falada. A linguagem não verbal se realiza por imagens, gestos, sons, para transmitir a informação. Elas são utilizadas de acordo com as nossas necessidades comunicativas desde os nossos ancestrais até nos dias atuais com a ascensão da rede mundial de computadores a “internet”.

1.1 Origens da linguagem

A linguagem surgiu por imitação dos sons da natureza e assim os seres humanos iniciaram suas interações, atendendo a necessidade humana de comunicação, que a longo prazo, evolui para línguas. Tendo um papel fundamental na vida da humanidade, pois há nela uma íntima ligação entre os homens, já que para entender a linguagem precisamos entender o homem como um ser social. Estudar a língua é compreender relações sociais. Mas, nem sempre os estudos sobre a língua a enxergavam desta maneira. Por exemplo, Scarpa (p. 211, 2001) comenta que, para Piaget, a linguagem é entendida como um sistema simbólico de representações. Acreditava-se que a linguagem era vista como uma parte isolada do que acontecia em seu meio social, apresentado assim uma preocupação maior com a gramática normativa.

Com o passar dos anos a linguagem teve inúmeras definições e abordagens como da Gramática, da Filologia, da Linguística, do Estruturalismo, do Gerativismo e da Sociolinguística. A linguagem já foi pensada como uma expressão do pensamento humano, mas também como um instrumento da comunicação. Na perspectiva de

instrumento comunicacional, a língua era concebida como um código por meio do qual a comunicação era estabelecida entre o emissor e o receptor, respectivamente, aquele que envia e aquele que codifica a mensagem.

1.2 Abordagens da linguagem até o fim do século XX

Nas últimas décadas do Século 20, a linguagem passou a ser entendida como uma forma ou processo de interação. Nessa perspectiva, os falantes não utilizam a língua apenas para exteriorizar o pensamento ou estabelecer a comunicação, mas usam para realizar ações, para atuar sobre os outros, conforme Leite & Callout (2002, p. 7). Elas reforçam de que é por meio da linguagem que uma sociedade se comunica e se faz entender. Em outras palavras, é por meio da linguagem que se interage com os outros e se produz sentido em uma dada esfera da sociedade, em um contexto histórico marcado por uma certa ideologia.

As abordagens de linguagem até o fim do Século XX foram: Gramática, Filologia, Linguística, Estruturalismo, Gerativismo e Sociolinguística.

Embora o senso comum estabeleça que a gramática é uma ciência que estuda a língua e que apresenta regras rígidas, a maioria dos leigos pensam na chamada gramática normativa, quando na verdade o conceito de gramática vai muito além disso. Toda e qualquer língua do mundo, por mais que possa ser classificada por não especialistas como primitivas, elas carregam uma cultura milenar com estruturas que mantêm sua coesão e que seus usuários dominam.

A palavra “filologia”, de acordo com o dicionário online Houaiss(2012), vem do latim “philologia”, e quer dizer “amor as letras”, e nada mais é do que o estudo da literatura de uma determinada língua, já que por meio de textos escritos pode-se saber mais sobre a cultura de um povo e como foi o uso dessa língua em tempos passados.

A linguística é a ciência que vai auxiliar na compreensão do funcionamento da língua. A partir dela pode-se encontrar respostas a várias demandas que têm surgido na fala e na escrita, de forma científica, exploratória, descritiva. Nesse sentido, toda tentativa de compreender a língua passa pelo estudo linguístico.

O Curso de linguística Geral (1916), de Saussure, é o marco da linguística como ciência. A língua, em seu todo, passa a ser seu objeto de estudo. Depois de ser estabelecida como ciência, foram duas divisões que deram contribuição central até

chegarmos à linguística atual. A primeira concepção metodológica, a indução, deu origem à linguística estruturalista.

Na década de 1950, surge uma corrente na linguística que ficou conhecida como Gerativismo, criada por Noam Chomsky. Seu objetivo era compreender o funcionamento e organização da língua na mente. Seu foco é que a linguagem é uma faculdade mental que expõe o que o ser humano é dotado de um dispositivo inato. A partir dos dados linguísticos retirados do meio o falante organiza e usa na comunicação a partir dessa habilidade. O Gerativismo explica todo o seu conhecimento de língua como algo inerente.

A sociolinguística estuda os aspectos linguísticos e sociais de uma língua, preocupando-se não apenas com a parte gramatical da língua, mais também com a parte social de seus falantes, como idade, gênero, classe social, escolaridade, entre outros. A sociolinguística se ocupa de questões como variação e mudança linguística, bilinguismo, contato linguístico, línguas minoritárias, política e planejamento linguístico, entre outras.

Com o aparecimento das tecnologias novas formas de comunicação foram surgindo, sendo necessário novas abordagens para atender essa nova demanda, surgindo assim a linguagem pós-humana que será melhor explicada no próximo item.

1.3 A linguagem pós-humana

Com o surgimento das novas tecnologias da informação todas as áreas da nossa sociedade foram transformadas, no campo do trabalho como também na forma de entretenimento, modificando assim toda sua estrutura social. E como o ser humano é um ser social, necessitamos assim estabelecer relações sociais para estudarmos a linguagem. Segundo Rajagopalan (2003 p. 74). “A identidade linguística é construída e não é dada como pronta, ela está sempre em construção.” E nessa nova era digital novas formas de linguagem foram construídas pelas pessoas, criando assim novos ambientes socioculturais, em que as mensagens e os processos de comunicação formam pensamentos e a sensibilidade humana, alterando toda uma sociedade.

Santaella (2003) dividiu as formações culturais em: oral, escrita, impressa, de massa, das mídias e digital, uma cultura não extingue a outra, elas coexistem, levando

algumas características de sua precursora. Não são esses meios de comunicação que modificam nossa sociedade, mas sim os processos de comunicação que nelas elaboram toda essa transformação.

Após toda a revolução tecnológica, as mudanças a partir da tecnologia digital de informação tornaram-se um lugar comum, deixando de ser tão revolucionária assim não cabendo mais o termo “novas mídias”, surgindo assim o termo pós-digital. E juntamente com ele outros *pós* também foram criados como o pós-modernidade, pós-humano e pós-virtual.

O termo pós-humano vem sendo empregado especialmente por artistas ou teóricos da arte e da cultura desde o início dos anos 90. A expressão tem sido usada para sinalizar as grandes transformações que as novas tecnologias da comunicação estão trazendo para tudo o que diz respeito à vida humana, tanto no nível psíquico quanto social e antropológico. (Santaella, 2003 p. 31)

Todas essas transformações de alguma forma atingem os processos de comunicação da sociedade atual, e um campo em que são refletidas essas mudanças é o campo da linguagem, nesses novos meios de comunicação a mensagem circula por meio deles, a linguagem utilizada também sofre alterações. Crystal (2006) defende que é preciso uma nova forma de pesquisa, pois as formas de pesquisa já existentes não dão conta dessa nova forma de linguagem, e essa nova forma teria o nome de Linguística da Internet, que será melhor explicado no próximo tópico.

1.4 Linguística da Internet

Percebeu-se a necessidade de um novo termo como a linguística da internet, quando os padrões existentes não funcionavam mais satisfatoriamente, pois a linguagem virtual não se encaixava nem na modalidade oral e nem na modalidade escrita, pois tem elementos das duas. Isso alterou também a noção do que é um texto, forçando assim a reconsideração de questões teóricas tradicionais. Podemos citar como exemplo o hipertexto que por meio dele fazemos uma leitura não linear, em que o usuário tem a liberdade de escolher os caminhos que quer seguir, pois um texto está ligado a outros textos, basta apenas clicar na palavra para que acessemos este outro texto. Xavier (2009 p.208) entende hipertexto como “uma forma híbrida, dinâmica e

flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas (...)", sendo assim através de um texto podemos acessar a outros textos, imagens e sons.

O termo "linguística da internet" foi utilizado por Crystal (2005 *apud* Shepherd e Saliés, 2013, p. 20) e depois em 2008, em que participou de um colóquio em Amsterdã, na Holanda. No Brasil, Saliés e Shepherd acreditam que é necessário que a internet tenha a sua própria linguística e que seja capaz de acompanhar o crescimento de sua construção comunicativa digital em língua portuguesa.

Uma resposta reducionista é: uma Linguística de base empírica, de natureza aplicada, cujo ponto de partida é o uso da linguagem e não os linguistas. Apoia-se em todas as subáreas da própria Linguística, examinando o discurso, a sintaxe, a semântica, a sociolinguística, a pragmática e a psicolinguística da internet. Dessa forma, busca entender como, por que é através de quem e de que *outputse* dá a construção do sentido em ambientes digitais. (Shepherd e Saliés, 2013, p. 8).

Como a linguagem na internet é heterogênea, Crystal optou por utilizar o termo *output*, ao invés de gênero ou registro, e é explicado pelo autor da seguinte forma em Crystal (in Shepherd e Saliés, 2013, p. 32) "busquei um termo não linguístico que identificasse várias entidades que compõem o discurso eletrônico", pois para o escritor o discurso eletrônico é composto por variadas formas, e com a mudança nos espaços comunicacionais, geraram-se transformações na linguagem utilizada nesses ambientes, e também nos vários elementos formadores do discurso eletrônico. Não podemos afirmar que a linguagem utilizada na internet é mais equivalente à fala ou à escrita. Como os estudos ainda são recentes, em algumas línguas os parâmetros de verificação não foram aprofundados, sendo assim o *output* de uma língua pode ser mais similar à escrita e de uma outra língua ser mais similar à fala, fatos esses que poderão ser explicados por elementos culturais e dessemelhança no processo de escrita.

Não é sempre que surge um novo ramo em uma área de conhecimento acadêmico, mas a chegada da internet exerceu tal impacto sobre a linguagem, que acredito ser esta a hora de reconhecer e explorar o escopo de uma área chamada Linguística da internet. (Shepherd e Saliés, 2013, p. 21)

A linguística da internet seria uma subárea da linguística, assim como a Sociolinguística, como a pragmática, como a linguística de *corpus*, entre outras. Assim, viu-se a necessidade de buscar uma subárea para estudar o fenômeno da língua

na internet, pois nenhuma das subáreas existentes dão conta do caso da linguagem da internet. Como apontado acima, a noção de texto também mudou. Atualmente, ele não é um produto acabado, pois pode ser alterado a qualquer momento. Isso é o que acontece, por exemplo, com uma citação de um texto virtual, que precisa apresentar a data e o horário da consulta. Além disso, não se pode deixar de mencionar a sobreposição nas comunicações em mensagens instantâneas e redes sociais, que é outro caso que nenhuma das subáreas da linguística conseguiu dar conta naquele momento.

Um dos problemas que Crystal (in Shepherd e Saliés, 2013) apresenta sobre as pesquisas da internet é sobre o que é público contra o que é privado, propriedade e direitos autorais, ao autor questiona se precisamos de permissão para utilizar o que é postado na internet e também como podemos fazer as citações do ambiente virtual. Outro problema apresentado pelo autor é que em pouco tempo o *corpus* pode ficar ultrapassado, devido à velocidade dos avanços tecnológicos, questionamentos que só poderão ser respondidos com o surgimento de novas pesquisas na área.

Por outro lado, o autor nos apresenta um ponto positivo para as pesquisas na internet, a sua originalidade. Por ser recente e ampla, há muitos campos a serem explorados, proporcionando pesquisas inéditas nesta área. As áreas como a comunicação, a linguagem e o espaço virtual podem propiciar aos pesquisadores um leque de opções de pesquisas, entre elas as redes sociais, que são utilizadas pelas pessoas para se relacionarem com pessoas que tenham os seus mesmos interesses. Neste ambiente os seus usuários criam perfis virtuais, em que acrescentam suas informações pessoais e profissionais, e também compartilham fotos, vídeos, informações e notícias, para isso apresentaremos no próximo tópico o histórico do surgimento da internet.

2. A INTERNET

A internet é utilizada atualmente por grande parte da população mundial, influenciando assim nas relações humanas. Comprar, vender, conhecer, se relacionar e até visitar, são propriedades possíveis de serem realizadas com o apertar do “enter”.

Muitas possibilidades são oferecidas pela internet atualmente, como informação, entretenimento, serviços, comércio e a comunicação, tendo cada vez mais uma grande importância para as relações cotidianas. As facilidades na busca de informações como endereços, telefones, pesquisas acadêmicas e escolares, notícias e os mais variados assuntos, fazem da internet uma necessidade hoje.

Sendo assim, seja para entretenimento ou reflexão, utiliza-se a internet para jogar, para assistir a vídeos, para ouvir músicas, para acessar as redes sociais, para ler sobre cultura, sobre esportes e sobre outros temas de interesse do usuário. Serviços *on-line* como compra de passagens e bilhetes de cinema, serviços bancários, reservas de hotel, entre outros, são realizados por meio da internet, enfim compra e venda por meio de comércio eletrônico, agilizando a vida diária.

A internet revolucionou a forma de comunicação entre as pessoas, de tal forma que uma conversa pode acontecer entre duas pessoas que estão a milhares de quilômetros de distância uma da outra, por exemplo, uma pode estar no Brasil e outra na China, acontecendo simultaneamente por meio de áudio e vídeo, o que conhecemos como online, causando uma revolução na maneira de se comunicar.

O advento das revoluções industriais e institucionalização do capitalismo como forma predominante deram fomento para que a comunicação fosse, de certo modo, globalizada. As primeiras revoluções industriais aconteceram de forma lenta e gradativa, nem todos os países tinham acesso às novas descobertas, ficando muitas vezes restritas em áreas geográficas limitadas e eram utilizadas principalmente, em aplicações militares para dominação colonial.

Segundo os historiadores, houve pelo menos duas revoluções industriais: a primeira começou pouco antes dos últimos trinta anos do século XVIII, caracterizada por novas tecnologias como a máquina a vapor, a fiadeira, o processador Cort em metalurgia e, de mais geral, a substituição das ferramentas manuais pelas máquinas; a segunda, aproximadamente cem anos depois, destacou-se pelo desenvolvimento da eletricidade, do motor de combustão interna, de produtos químicos com base científica, da fundição eficiente de aço e pelo início das tecnologias de comunicação,

com a difusão do telégrafo e a invenção do telefone. (CASTELLS, 2000, p. 71)

As duas primeiras revoluções industriais aconteceram de forma gradual, e por vezes nem chegaram a todos os países. A segunda revolução industrial surgiu cem anos após a primeira, e isso não significou que tenha alcançado todas as civilizações, principalmente porque isso significava um poderio militar para conquista de novas colônias.

Já a revolução das novas tecnologias da informação e comunicação foi difundida rapidamente, conectando o mundo todo e não foi restrita como as revoluções anteriores. Espalhou-se velozmente e em pouco tempo grande parte da população mundial teve acesso a essa nova tecnologia. Assim, ao comparar a revolução industrial com a revolução das novas tecnologias, nota-se que a primeira teve maior impacto econômico e social, enquanto a outra alterou o comportamento das pessoas em todas as áreas, sobretudo nas relações interpessoais, na velocidade da informação, entre outras.

Mesmo estando a milhares quilômetros de outras pessoas, pode-se diminuir essa distância com as novas formas de comunicação instantânea, seja por mensagens de textos, de voz ou por vídeos. A comunicação acontece de forma imediata, se o outro com quem se está conversando estiver online a interação acontece de forma sincrônica. Uma informação hoje pode alcançar o mundo inteiro em minutos, enquanto no passado ela poderia demorar anos para sair de seu país e se universalizar.

Podemos nos conectar à rede mundial de computadores por meio de vários dispositivos, tais como o computador, o notebook, o *netbook*, o *tablet*, o celular, o *smartphone*, entre outros aparelhos. É sabido que o meio mais comum e que a cada dia ganha mais adeptos é o *smartphone*, desde que exista a possibilidade de conexão com a internet.

No início da popularização da internet, para ter acesso naquele momento era preciso estar em um lugar fixo para acessá-la. Atualmente, com a mobilidade de dados de acesso à rede é possível ficar online a todo momento, em praticamente todo lugar que tenha acesso à rede, mesmo quando estão em deslocamento a comunicação acontece e em Santaella (2010 p. 17), aparece o termo ubiquidade, que descreve essa situação de comunicação. Logo, as pessoas têm passado muito mais tempo conectadas nos ambientes virtuais. Podemos estar “logando” em vários ambientes virtuais ao

mesmo tempo e interagir com várias pessoas simultaneamente, tais como Facebook, Twitter, WhatsApp e outros.

Consequentemente, a difusão da tecnologia amplifica seu poder de forma infinita, à medida que os usuários se apropriam dela e a redefinem. As novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos. Usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa. Dessa forma, os usuários podem assumir o controle da tecnologia como no caso da Internet. (CASTELLS, 2000, p. 69)

A internet, além de interativa também é democrática, pois conecta indivíduos e conhecimentos, ampliando o acesso a informações que antes estavam restritas aos livros, jornais, bibliotecas ou mesmo à TV ou rádio, que são limitados pelos formatos utilizados. Por intermédio do computador, com apenas um clique, se pode escolher os caminhos que queremos seguir, além de selecionar conteúdos próprios para aquilo que se quer. Ao contrário da televisão, que fica limitada a um determinado número de canais que o telespectador tem acesso, além de receber tudo pronto, o usuário é um mero consumidor, a rede mundial dá aos usuários a oportunidade de ser criadores, colaboradores e distribuidores de informações.

Nesse sentido, conforme foi mencionado, a informação passa a ser descentralizada e se torna muito mais acessível a todos de forma democrática. Não importa sua localização geográfica; se você tiver acesso à rede mundial de computadores, poderá acessar todas as informações ali disponíveis, exceto se ela estiver sendo bloqueada, como ocorre em alguns países, como China e Cuba.

Em sua origem a internet tinha como objetivo primordial guardar e enviar informações militares de maneira segura. Todos os investimentos em pesquisas, conforme citado, foram realizados com o propósito militar. A intenção era criar uma rede de compartilhando de informações descentralizada. Essas informações poderiam ser acessadas de outros locais, o que seria muito importante em tempos de guerra, conforme veremos no próximo item, que trata dos primeiros passos da internet no mundo, indo além dos usos militares.

2.1 O surgimento da internet

A internet surgiu na década de 1960, criada pela Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (Advanced Research Projects Agency – ARPA), do Departamento

de Defesa dos Estados Unidos, com o nome de ARPANET. Conforme mencionado acima, sua criação tinha fins militares a partir de uma rede de computadores que pudesse trocar informações, descentralizando a informação dos militares norte-americanos, já que havia o risco de um ataque militar contra o Pentágono (sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos) por parte de União Soviética, na época da Guerra Fria. As duas potências mundiais disputavam a hegemonia política, econômica e militar no mundo. Somente em 1966 que se inicia o planejamento de interligar computadores. Segundo Carvalho (2006, p.11):

Em 1966, sob o comando de Taylor, o IPTO começou a arquitetar um projeto para interligar os diferentes computadores das instituições financiadas, com o objetivo de otimizar o uso desses (caríssimos) recursos e desenvolver o conhecimento das técnicas de comunicação de dados através de redes de computadores. Estava dada, de fato, a partida para a criação da ARPANET, a rede de computadores da ARPA [...].

A ARPANET, a rede de computadores da ARPA, começou pelo uso de redes por pacote, por mais que ainda esse modelo estivesse em estudos. O que flexibilizou o seu uso foi a criação de regras peculiares, em que as tarefas difíceis de conectividade eram divididas em conjunto de funções que interagissem entre si que estavam organizadas em categorias de nível conceitual do grau mais abstrato ao mais concreto, divididas em camadas. Depois de muitas pesquisas com pequenos grupos de representantes de várias instituições, ficou provado que a rede de computadores era executável, iniciando-se assim sua ampliação. Com o crescimento da rede, a ARPANET precisou sistematizar seus empenhos internos entre seus vários técnicos e pesquisadores, criando assim um programa para enviar e receber mensagens eletrônicas.

Na época, a implementação desse projeto foi considerada um sonho impossível. Nem mesmo as grandes empresas de telefonia estavam apostando na rede de computadores. Foi necessário o avanço a partir de muitas pesquisas e a sua demonstração em congressos para que os investidores acreditassem em seu potencial. E dessa maneira, conquistaram novos aliados. As empresas de telefonia apresentaram interesse e até novas empresas foram criadas para atender a essa demanda, além de também a integração de pesquisadores de outros países, o que a tornou internacional. O desenvolvimento das comunicações por rede de pacotes de dados, bem como por satélite já havia sendo realizada desde a década de 1960, mas essa última foi pouco

utilizada devido a seu alto custo, abrindo assim caminho para a exploração da transmissão de dados por meio do uso de pacotes de dados. Quando a internet se tornou civil, abriu caminhos para a sua expansão e sua difusão, por meio de duas medidas: a separação dos meios militares e o investimento no início dos anos 1990 (Carvalho, 2006, p.27).

Um dos fatos que marcaram e impulsionaram a expansão da internet foi a implantação do protocolo TCP/IP, que é o principal protocolo de envio e recebimento de dados, e a divisão da rede militar ARPANET. A inserção do protocolo TCP/IP possibilitou a interconexão entre diversas redes heterogêneas, que fez com que a nova agência do departamento de defesa a DCA (Defense Communications Agency), criada para gerir de forma única os sistemas de comunicação do Exército, da Marinha e da Força Aérea, a tornasse produtiva para seus objetivos militares. A internet ainda era uma ferramenta de trabalho e também um laboratório de experiências até que se viu a necessidade de uma divisão desta rede, que ficou da seguinte forma: a MILNET, utilizada unicamente para fins militares e a ARPANET, para fins civis, usada pelas universidades, que estavam com pesquisas em andamento.

Mesmo com a divisão da ARPANET em MILNET, utilizada com objetivos militares e a ARPANET, com objetivos acadêmicos, as duas ainda estavam interligadas. A última não era aberta para toda a comunidade acadêmica, mas restrita a poucas universidades. Nesse início, somente as universidades aprovadas pelos militares poderiam ter acesso a ela. As pesquisas tinham que estar alinhadas com os objetivos da ARPA e além de tudo, essas universidades desembolsavam valores muito altos anualmente para esta ligação. Até que um grupo de 6 (seis) universidades se organizou para criar uma rede acadêmica que interligasse todos os seus departamentos de computação. Naquele momento criou-se a CSNET (*Computer Science Research Network*) com apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa dos Estados Unidos, que tornou o projeto mais viável pelo seu baixo custo, já que utilizada conexão por meio de linhas discadas comuns, além de ser uma rede aberta a qualquer instituição que pudesse pagar pelas tarifas de conexão, desde que a utilizasse para fins de pesquisa em computação, oferecendo inclusive acesso a rede de outros países.

Diferente da ARPANET (restrita às instituições aprovadas pelos militares) e da CSNET (restrita aos departamentos de ciência da computação), a BITNET não tinha restrição de acesso, apenas o propósito de uso não poderia ser comercial. A estruturada rede estava montada de forma que cada computador se ligava, via modem, somente a um outro, através de um

enlace de 9600 Mbps. Era uma rede para comunicação por e-mail, que oferecia listas de distribuição de mensagens XXVII, transferência de arquivos e mensagens instantâneas. (CARVALHO, 2006, p. 30)

Simultaneamente à criação e à implantação da rede CSNET, as redes USENET (*User Network*) e BITNET (*Because It's Time Network*) foram criadas no meio acadêmico, sem nenhum apoio governamental e com esforços de voluntários. Entretanto, expandiram-se muito, tendo inclusive alcance internacional, chegando ao Brasil nos anos 1980. A BITNET por não ter seu acesso restrito, pois a única exigência para conectar-se a essa rede que não fosse utilizada para fins comerciais, por esse motivo expandiu-se rapidamente. Nos anos 1990, a BITNET passou a ser a rede mais usada no mundo, interligando milhares de universidades e centros de pesquisas de diversos países, até mesmo o Brasil.

Em 1981, o Japão divulgou seu projeto de supercomputador que teria um alto investimento para seu desenvolvimento, e os Estados Unidos viram isso como uma ameaça para sua indústria computacional e também para sua segurança nacional, com isso NSF (*National Science Foundation*) juntamente com o Departamento de Defesa, Departamento de Energia e a Nasa, desenvolveram um estudo, que posteriormente foi exposto ao congresso norte-americano, que como resultado teve o incentivo para o mercado nacional, com a formação de núcleos de super computação, os interconectando-os em rede às universidades e núcleos de pesquisa para avultar a utilização da computação avançada.

Em 1985, a NSF criou um projeto de implantação de uma rede própria a NFSNET (*National Science Foundation Network*), para interligar esses novos núcleos de super computação às várias universidades e centros de pesquisas norte-americanos. Nesse projeto foi instalado uma estrutura classificada em três níveis, agrupada pelas redes oficiais das universidades, que seriam unidas às redes regionais, que por sua vez se ligariam ao *backbone* (espinha dorsal) nacional da NSFNET, que possuía uma grande eficiência em transmissão. E com todo sucesso da NSFNET, os militares desligaram de vez a ARPANET, passando todas as suas redes para o comando da NSFNET, que passou a ser utilizada somente para fins civis. Essa rede ganhou muito incentivo para sua ampliação de conectividade, expandindo-se assim para diversas universidades de vários países do mundo.

Em última análise, a ARPANET, rede estabelecida pelo Departamento de Defesa dos EUA, tornou-se a base de uma rede de comunicação horizontal

global composta de milhares de redes de computadores (cujo número de usuários superou os trezentos milhões no ano 2000, comparados aos menos de vinte milhões em 1996, e em expansão veloz). Essa rede foi apropriada por indivíduos e grupos do mundo inteiro e com todos os tipos de objetivos, bem diferentes das preocupações de uma extinta Guerra Fria. (CASTELLS, 2000, p. 44)

Foi então a partir dos anos 1990 que ocorreu a expansão da internet, alcançando a população em geral, deixando de ser utilizada apenas no meio acadêmico, sendo assim usada por vários segmentos tanto para os estudos e quanto ao lazer, além dos variados objetivos por pessoas do mundo inteiro.

Atualmente a internet ganhou muito mais velocidade, o que tornou nossa comunicação por aparelhos bem mais barata, já que a distância entre os interlocutores desapareceu. Hoje pode-se pagar o mesmo valor para ligar para os locais próximos, como também para os mais distantes. Lugares que antes ficavam isolados, hoje com a internet estão mais integrados a tudo o que acontece no mundo, sujeitos às transformações que ocorrem no mundo, não importando sua localização geográfica. E no Brasil não foi diferente, por mais que tenha demorado alguns anos a mais, a internet consolidou-se e expandiu-se em nosso país, como será apresentado no próximo item.

2.2 A internet no Brasil

No Brasil, iniciou-se primeiramente a expansão das telecomunicações com a estatização das empresas, afinando-se com o cenário internacional da época. Em 1982, foi iniciado o projeto Ciranda, da empresa de telecomunicações EMBRATEL, que tinha por objetivo uma rede de serviços de informações, em que apenas seus servidores tinham acesso, podiam utilizar nos escritórios da empresa, quando estavam em suas residências, com objetivos pessoais e profissionais, que ofereciam acesso a algumas bases de dados, a agendas de aniversários, a guias de compras e a jogos. Mas, além de ser restrita, esta rede atendia apenas 2.100 funcionários distribuídos em 100 cidades, sendo essa a primeira rede do país. A rede Ciranda foi o pontapé inicial para a Rede Nacional de Comunicação de Dados por Comutação de Pacotes (RENPAAC), criada em 1984, de acordo com Carvalho (2006, p. 65):

Em novembro de 1984, a Embratel lançou a Rede Nacional de Comunicação de Dados por Comutação de Pacotes (RENPAAC), uma rede

pública de transmissão de dados que possuía treze centros de comutação e treze centros de concentração distribuídos pelo território nacional e um centro de supervisão e controle para coletar as informações referentes às condições de operação dos nós e concentradores (aqui se percebe a imbricação com o discurso militar em relação às questões de ordem geopolítica, ao se buscar um equilíbrio regional na implantação dos equipamentos da rede).

A RENPAC foi estabelecida com tecnologia francesa, uma rede que utilizava a entrega de pacotes na ordem de emissão. Mas, só no final da década de 1980 esta rede teve uma conexão internacional, interligando-se a outros países por meio da rede INTERDATA. Mesmo com a intenção de atender à população em geral, que começava a comprar computadores, não teve muito sucesso, conquistando muito poucos assinantes. E para ampliação desta rede, a EMBRATEL criou o projeto CIRANDÃO, um serviço de oferta de informações, ampliando assim as bases de dados, sendo estimulada a produção e o consumo de conteúdo nacional. Porém, isso não conseguiu ampliar o número de assinantes, pois as bases de dados tinham poucas atualizações, e logo saíram da lista das mais acessadas, tornando-se assim essa rede Ciranda, um serviço de transmissão de mensagens.

No meio acadêmico, a comunicação de dados com a proposta de uma comunicação regional e mundial, entre pesquisadores, e o acesso quase que imediato a informações, era o desejo de muitos pesquisadores, a que antes levava dias ou semanas, poderia ser acessado instantaneamente. Com o objetivo de partilhar os recursos, possibilitar o acesso, e criar um sistema de conferência eletrônica entre instituições que tinham computadores, foi criado o projeto da Rede Sul de Teleprocessamento lançada em meados da década de 1970, em uma reunião de reitores de universidades que pertenciam à Associação das Universidades do Rio Grande do Sul, sendo assim a primeira iniciativa de rede acadêmica no Brasil. Projeto esse que não foi adiante, mas, com a ida de muitos pesquisadores brasileiros ao exterior, o interesse por redes de comunicação só aumentava no meio acadêmico.

As redes acadêmicas no Brasil somente convergiram após a estabilização da RNP e da consolidação do acesso à Internet no Brasil, que por sua vez, precisaram contar não só com a participação do governo e de empresas privadas, mas também com novos e inesperados aliados advindos da sociedade civil, que forçaram novos rumos para as redes acadêmicas [...] (CARVALHO, 2006, p. 106)

Muitos projetos de redes e pesquisas na área foram desenvolvidos no meio acadêmico, mas ainda não existia no Brasil uma rede acadêmica nacional, já que as redes regionais não estavam integradas e alguns projetos de redes também não saíram do papel. Somente em 1988, foi apresentado um anteprojeto para uma rede nacional a RNP (Rede Nacional de Pesquisa), pelo LARC (Laboratório Nacional de Rede de Computadores) com total apoio do Ministério da Ciência e Tecnologia, depois de muitas reuniões e participações de congressos da área entre as universidades, LARC, CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), SEI (Secretaria Especial de Informática) e EMBRATEL (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Em 1989, acadêmicos de várias universidades brasileiras, procuravam conexões com outras redes acadêmicas internacionais. Só em janeiro de 1991, os primeiros pacotes TCP/IP foram trocados entre Brasil e Estados Unidos, e-mails simples que chegavam instantaneamente ao destinatário, o que foi uma inovação.

O projeto do acesso à Internet no Rio de Janeiro (e conseqüentemente no Brasil) deu um grande passo com o evento da ONU. Além de comprovar o uso bem-sucedido do TCP/IP, toda a infraestrutura montada agilizou a implantação do projeto da Rede Rio, que passou a contar, além de um centro de operações (inicialmente instalado no NCE/UFRJ), com uma saída internacional de 64 kbps para a Internet (inicialmente financiada pela UFRJ). Essa infraestrutura impulsionou a ANSP a também ampliar seu acesso para 64 kbps, fazendo decolar de vez o primeiro *backbone* nacional da RNP, oferecendo acesso à Internet aos demais estados através do compartilhamento das redes ANSP e Rede Rio, que passaram a estar interligadas. Adicionalmente, a competência diplomática do IBASE, aliada ao sucesso da tarefa executada na Rio-92, ajudou no fechamento do acordo entre o MCT e o PNUD, que, como visto no capítulo anterior, viabilizou financeiramente a construção da RNP. (CARVALHO, 2006, p. 120)

O IBASE (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas), fundado após o retorno de exilados políticos brasileiros, teve um papel muito importante para o desenvolvimento da internet no Brasil, já que ele tinha como objetivo disseminar as informações para o desenvolvimento da sociedade. Tal instituto tinha acesso livre a muitos políticos brasileiros, e foi no evento internacional realizado para discutir o meio ambiente na cidade do Rio de Janeiro conhecido como Rio 92¹. Ali foi mostrada toda uma infraestrutura que acelerou a implantação do projeto Rede Rio, que tinha

¹A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, também conhecida como Eco-92, Cúpula da Terra, Cimeira do Verão, Conferência do Rio de Janeiro e Rio 92, foi uma conferência de chefes de estado organizada pelas Nações Unidas, realizada entre 3 e 14 de junho de 1992. Seu objetivo era debater questões ambientais no mundo.

uma saída internacional de 64 kbps, disponibilizando o acesso à internet aos outros estados por meio da distribuição das redes ANSP e Rede Rio, as intercomunicando.

Posteriormente ao evento da ONU no Brasil, a Rio 92, o IBASE espalhou seus serviços do ALTERNEX (a combinação das palavras “alternativo” e “nexo”, embrião do nexo alternativo que iria desembocar na Internet brasileira), tornando-se assim o primeiro provedor de acesso à Internet no Brasil, que deu acesso à rede de mensagens USENET para muitos usuários. E com isso apareceram questões polêmicas sobre o tráfego comercial do Alternex dentro da rede acadêmica, pois as mesmas não tinham interesses comerciais.

As empresas de telefonia só mostraram interesse em conhecer melhor a internet em 1994, a primeira foi a empresa Embratel que a lançou a título de experiência. Em 1995, o Ministério das Telecomunicações juntamente com Ministério da Ciência e Tecnologia abriram para o setor privado da internet para exploração comercial, devido à propagação da utilização de microcomputadores, aumentando assim o interesse na comunicação por meio de seus computadores, utilizando modem e rede de telefonia convencional. Com o surgimento da www (World Wide Web), que em português significa “rede de alcance mundial”, que a internet atingiu grande parte da população mundial. Foi por meio da www que começou o acesso aos mais diversos conteúdos, das mais variadas formas, em textos, figuras, sons, vídeos e hipertextos. Em pouco tempo a internet popularizou-se e tornou-se parte integrante da vida das pessoas, possibilitando um acesso infinito das informações existentes no mundo inteiro, transformando a forma como nos comunicamos, estudamos e nos divertimos, por conseguinte, iremos discorrer sobre as vantagens que a mesma nos proporcionou.

2.3 As vantagens da internet

Conforme informações divulgadas pela União Internacional de Comunicações², 3,2 bilhões de pessoas têm acesso à internet no mundo. No Brasil, de acordo com A Pesquisa de Mídia 2015³, realizada pela Secretaria de Comunicação Social da

² Essas informações estão disponíveis em: <http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/facts/ICTFactsFigures2015.pdf> Acesso em: 10 jul. 2016.

³ Pesquisa disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf/view> Acesso em: 11 jul. 2016.

Presidência da República, 48% dos brasileiros utilizam a internet. Isto significa que quase a metade da população brasileira fica conectada em média 4h59 por dia durante a semana e 4h24 no fim de semana, explorando os mais diversos recursos disponíveis.

A importância crescente e a penetração das chamadas novas mídias na sociedade ficam claras quando se analisam os dados da pergunta sobre qual meio de comunicação o entrevistado utiliza mais. A internet foi apontada por 42% dos brasileiros (1º + 2º + 3º lugares). Por esses critérios, ela ficaria atrás da televisão (93%) e, por uma pequena diferença, do rádio (46%). (BRASIL, 2014, p. 49)

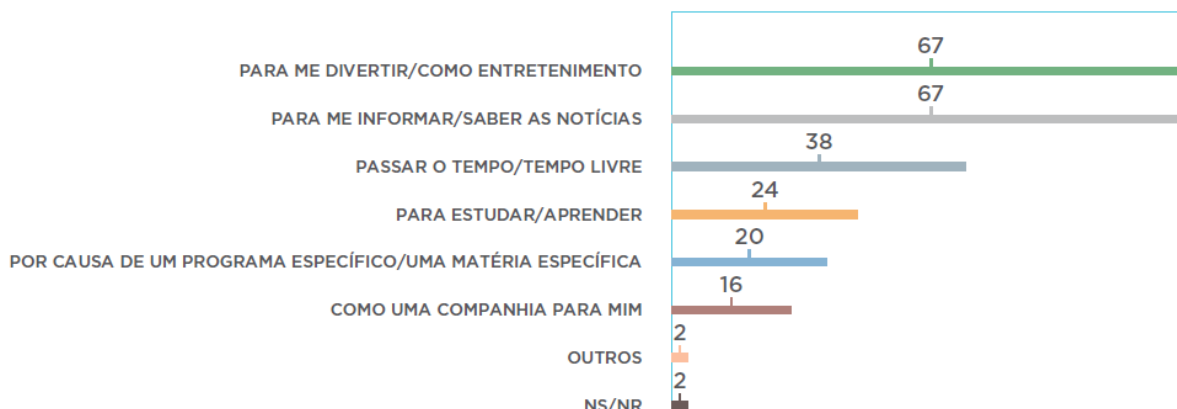
Mesmo com o surgimento recente, a internet ocupa o terceiro lugar entre os meios de comunicação mais utilizados pela população brasileira, perdendo apenas para a televisão e para o rádio. Um dos motivos para essa popularização deve-se as imensuráveis oportunidades e possibilidades em todos os segmentos de nossa vida que a internet nos proporciona, além de uma comunicação muito mais rápida e instantânea, nos foi oferecido uma gama de informações, que anteriormente era impossível acesso, podemos acessar bibliotecas de qualquer parte do mundo, além de permitir também o estudo a distância, abrindo um leque de possibilidades de formação a muitos que não tinham acesso à educação, devido sua localização geográfica. Os serviços bancários foram facilitados com o uso dessa rede, é possível pagar contas, fazer transferências, empréstimos e diversas outras transações bancárias com apenas um toque por meio de celular ou notebook/computador, evitando o deslocamento até aos bancos, economizando tempo e dinheiro.

O uso da internet segue um caminho semelhante à medida em que também se amplia seu uso em diferentes práticas sociais. Nossa vida já é direta ou indiretamente afetada por esse tipo de tecnologia. As declarações de imposto de renda, hoje feitas obrigatoriamente no formato digital, comprovam esse fato. As transações comerciais na internet, por serem realizadas sem sair de casa e terem um custo mais baixo, [...]. (BRAGA, 2013, p. 40)

A internet rompeu com as fronteiras dos países, dando livre acesso a todos na mesma proporção, não importa onde se esteja com o acesso a uma rede somos capazes de viajar online a países jamais imaginados, basta um clique para que se tenha tenhamos ingresso a essa infinidade de possibilidades. O lazer dos habitantes, agora conhecidos como internautas nunca mais foi o mesmo, uma imensidade de oportunidades é apresentada todos os dias, desde aos simples vídeos até os mais modernos jogos de vídeo games. E outro ramo que cresceu foi a de compra e venda, é

possível realizar podemos compra do mês sem sair de casa, basta um clique que o consumidor internauta recebe tudo o que comprou. Abaixo segue um gráfico da pesquisa feita pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República sobre as razões pelas quais usa a internet.

Gráfico 1 – Razões pelas quais se usa a internet



Fonte: Brasil. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (2014, p. 59)

Após a análise do gráfico acima, foi constatado que as pessoas utilizam a internet para diversos propósitos, os seus usos mais comuns são para o entretenimento (games, músicas, vídeos, redes sociais, programas de trocas de mensagens instantâneas, entre outros) e para saber notícias (busca de informações), com 67% cada um, em seguida para passar o tempo (ocupar o tempo livre) com 38%, 24% para estudar/aprender, 20% utilizam para assistir ou ler um programa ou matéria específica e 16% busca pessoas para conversar e interagir como companhia.

Mesmo a internet oferecendo infinidades de opções, não se pode ficar alheio aos aspectos negativos que ela nos apresenta. Pode-se perder a privacidade, pois as informações digitadas ficam expostas e por isso é importante que as pessoas saibam usar as ferramentas de privacidade, para dessa maneira se proteger. Tem-se que atentar também sobre o isolamento de algumas pessoas que utilizam a rede, pois querem viver apenas no mundo virtual, deixando de lado o mundo real, um não pode substituir o outro, pensa-se que é preciso interagir nos dois mundos. Muito dos conteúdos que encontramos na internet não têm controle; por isso não é aconselhável deixar crianças sozinhas quando estão em/na rede, pois podem acessar conteúdos que são inapropriados à idade. Algumas pessoas aproveitam do anonimato proporcionado pela rede para cometerem crimes. E ainda uma dificuldade são os custos e a qualidade

de acesso que há no Brasil, infelizmente nem todos têm condições de pagar por um acesso rápido e de qualidade. Mas, mesmo assim, as vantagens ainda são bem maiores que as desvantagens, ao se apropriar dos cuidados necessários, é possível tirar proveito de todas as vantagens que a mesma apresenta.

Como já mencionado, a internet oferece um leque de possibilidades, e com ela surgiram os ambientes virtuais, espaços utilizados pelas pessoas para a comunicação, interação e compartilhamento de ideias, opiniões e informações, e também para pesquisas sobre os mais diversos assuntos. São territórios virtuais, que se pode ficar online sem a preocupação com as fronteiras geográficas. Não importando onde a pessoa esteja, pois é possível se conectar a qualquer momento, desde que a pessoa tenha um dispositivo móvel para acesso à internet, sem a necessidade de estar em um único lugar em frente a um computador/notebook para que se tenha acesso à rede.

2.4 Ciberespaço

O Dicionário online *Houaiss* (2016), conceitua a palavra ciberespaço como “um espaço das comunicações por redes de computação”, mas essa explicação é limitada, pois estaríamos nos referindo apenas à internet, que é na verdade o principal espaço do ciberespaço, mas não o único, pois ele também ocorre na relação do homem com as outras tecnologias como o rádio, os telefones móveis e fixos, equipamentos de rádio amador e televisão via satélite. Sobre o ciberespaço, Lévy diz que,

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (1999, p.17)

Neste ambiente conseguimos estar em muitos e diferentes espaços virtuais e reais ao mesmo momento, não precisamos sair de um para acessarmos o outro, e participamos de formas diferentes em cada um deles: em um lemos, no outro escrevemos, e em outro estamos em vídeo. Para Santaella (2010), existem “os espaços híbridos” que combinam o físico e o digital, num ambiente social criado pela mobilidade dos usuários conectados via aparelhos móveis de comunicação. Podemos alterar não só os espaços, mas, inclusive, nossa realidade, identidade e

comportamento, mudamos nossa forma de comunicação dependendo do ambiente em que estamos conectados, por exemplo, se logarmos em um ambiente de família e amigos, nos comportaremos de uma forma e se o ambiente for do nosso trabalho, nosso comportamento será totalmente diferente, nesse espaço nos preocupamos com o que escrevemos, falamos ou quais imagens e sons veiculamos, pois é um ambiente mais formal. Sobre isso Santaella diz,

[...] ciberespaço que, ao fim e ao cabo, pode ser reduzida ao fato de que a internet equivale à noção mais técnica e denotativa das redes, enquanto o ciberespaço é uma noção mais aberta e vaga, quase sempre relacionada como nossos modos de entrar, transitar e compartilhar das redes. (2010, p. 87)

No ciberespaço encontramos as mais diversas mídias como o texto, imagem, animação, áudio, vídeo, hipertexto, e dificilmente as mesmas estão sós, geralmente estão sempre associadas a outra, e com isso o termo hibridismo, que é o produto resultante de muitas coisas misturadas, teve seu significado ampliado. Devido ao desenvolvimento das tecnologias e das mídias comunicacionais, o hibridismo emergiu com a explosão da cultura digital, e está diretamente ligado à convergência das mídias que, de acordo com Santaella (2010 p. 76), “No que se refere à multimídia, convergência diz respeito à incorporação de várias mídias, tais como texto, áudio, vídeo, animação, de maneira principalmente interativa”. Portanto, a integração dessas várias linguagens deu origem à hipermídia, que é nova linguagem resultante da mescla das várias linguagens que encontramos no ciberespaço.

Com o uso cada vez maior pelas pessoas do ciberespaço desenvolveu-se nele a cibercultura, que é a forma como nos comportamos, interagimos, lemos, escrevemos, compartilhamos e opinamos em rede virtual. Nossas formas de escrever e ler foram modificadas nesse espaço, mas principalmente a forma de nos comunicarmos. A comunicação não é mais unilateral, em que apenas uma pessoa fala para todos, como no rádio e na televisão, há uma comunicação bilateral, onde todos falam para todos; não é centrada. Sendo assim descentralizada, todos podem falar, escrever e opinar; não existe quem controle esse espaço. Sobre a cibercultura, Lévy diz,

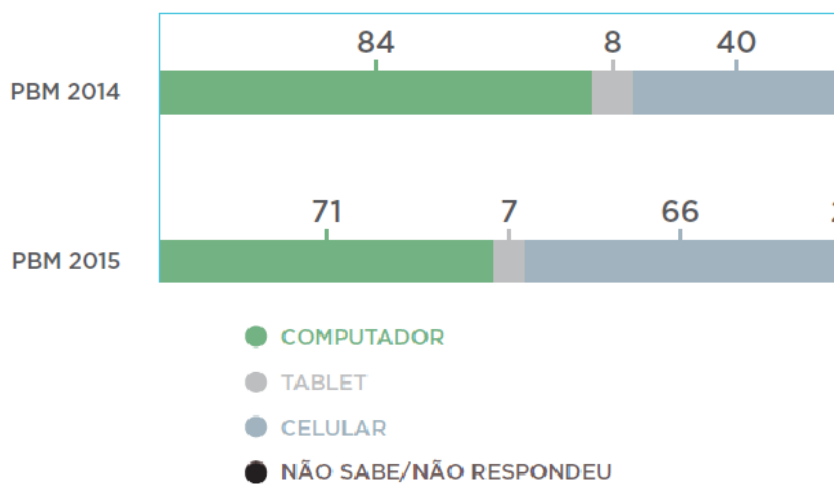
Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (1999, p.17)

Podemos acessar os ambientes virtuais e conseguimos também estar em vários espaços virtuais ao mesmo tempo, podemos fazer uma leitura de um livro e ao mesmo tempo responder as mensagens instantâneas dos aplicativos de comunicação. A facilidade de acesso que os aparelhos móveis nos trouxeram, fez que o uso dos celulares fosse ampliado, conforme pesquisa realizada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República sobre a plataforma de uso da internet.

É virtual toda entidade “desterritorializada”, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais e determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular. (Lévy, 1999, p.47)

Ao observar o *Gráfico 2 – Plataforma de uso da internet*, sobre como as pessoas acessam a internet, percebemos que o acesso pelo celular aumentou 22% em 2015 quando comparado ao ano de 2014; e já o acesso pelo computador diminuiu 13% no mesmo período. Isso aconteceu devido ao avanço na qualidade das redes móveis no Brasil, e principalmente à mobilidade que esse dispositivo nos dispõe.

Gráfico 2 – Plataforma de uso da internet



Fonte: Brasil. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (2014, p. 61)

Nesse ambiente dinâmico e híbrido, a linguagem também é influenciada, pois nele nos comunicamos, na maioria das vezes, pela escrita; mas, por haver uma comunicação instantânea como a fala, queremos dar respostas ao nosso interlocutor de uma forma mais rápida; muitas vezes mesclamos as formas de fala e de escrita nesses espaços virtuais e até mesmo abreviamos palavras, para que essa comunicação seja

mais ágil. Essa nova escrita, que chamamos de escrita virtual, será mais aprofundada no próximo capítulo, que será apresentada sua definição e características no ciberespaço.

3. A ESCRITA VIRTUAL

A grande mídia virtual, as redes sociais e a web desempenham, hoje, as funções que se confundem as mais primárias das relações interpessoais. A comunicação da internet se transforma de acordo com a necessidade de se fazer entender, bem, melhor e mais rápido. A comunicação e manifestação das mais diversas linguagens, que antes eram feitas, sem o advento dos computadores, celulares e tablets, hoje se dá por intermédio da internet.

A escrita virtual fomentou mudanças desde quando criada, tais transformações reverberam e permanecem até os dias atuais. Atualmente, grandes avanços em várias esferas da sociedade se dão principalmente devido às tecnologias de informação e comunicação. Neste estudo destaca-se a internet como incentivadora de alterações na forma de escrita, tendo inclusive uma abordagem própria: a linguagem virtual, utilizada não só pelos adolescentes e jovens, mas todos aqueles que utilizam as redes sociais virtuais. A escrita virtual influencia na construção da linguagem geral e está, muitas vezes, aprimorando o processo de produção escrita. Afirmam Ribas et al que:

Por ser a rede um ambiente dinâmico e híbrido e para se acompanhar a rapidez de como as informações são propagadas neste meio é necessário adequação. É nesse ambiente, que se tem a mescla das formas da fala e da escrita, alterando nossa forma de escrita. Se quando não havia internet nem rede de computadores a escrita formal era permeada de influências do seu uso coloquial, esse fomento ocorre hoje pelo que se digita. A revolução na escrita veio para ficar, pois é ágil, acontece de forma instantânea e surpreende tanto os que a idolatram, quanto aqueles que a veem como um perigo, pois para esses, esta escrita pode ser prejudicial aos alunos em fase de alfabetização. Conforme comentado anteriormente, a internet está transformando os hábitos da população mundial. Assim ocorre igualmente com nossas formas de comunicação, que agora passa a ser também virtual. Lévy (1996, p.15) destaca que A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. (2007, p.4)

De modo geral, na escrita nos preocupamos um pouco mais com a norma padrão e temos a tendência de seguir um modelo mais formal. Por outro lado, a fala tende a ser mais informal, logo, não temos tanto cuidado assim. Como no ciberespaço utilizamos a escrita de forma menos regrada, mais espontânea e aproximada da fala, ficamos desconfiados diante desta nova forma de comunicação, pois a escrita é artificial e a fala natural. No ambiente virtual, as duas formas se misturam, sendo um

modelo híbrido, marcado pela velocidade e espontaneidade da fala e o registro escrito multimodal da escrita. A escrita no ciberespaço, de acordo com Barton e Lee (2015, p.16), é caracterizada por traços como:

- acrônimos e siglas (ex: PFV para “por favor”; rs para “risos”);
- reduções de palavras (por exemplo, blz para “beleza”, vc para “você”; q para “que”; kd para “cadê”);
- homófonos letra/número (por exemplo, U para “you” 2 para “to”),
- grafia estilizada (por exemplo, “eu estou muuuuuuuuito feliz!/”),
- emotions (por exemplo, ☺ e ☹),
- pontuação não convencional/estilizada (por exemplo, “!!!!!!!!!!!!!!!”, “.....”).

De acordo com as características apresentadas acima para a escrita virtual, percebemos um hibridismo de fala e escrita. Pela celeridade das interações nos ambientes virtuais, utilizamos os acrônimos, as siglas, as reduções e os homófonos (palavras com a mesma pronúncia, mas com a escrita e significados diferentes), para assim dar mais rapidez nas conversas. Para substituir a entonação de voz, gestos, e outras reações da fala, empregamos a grafia estilizada, os *emotions* e a pontuação não convencional, para representar os outros recursos linguísticos que usamos na interação face a face.

Na escrita virtual, encontramos abreviaturas, redução e substituição de letras; as palavras sofrem uma transformação onomatopeica, para assim reduzirmos o tempo de comunicação e também para nos aproximarmos da língua falada, pois a comunicação real é muitas vezes substituída pela virtual. Existem também os *emoticons*, que são símbolos que representam o estado psicológico e emotivo de quem os usa, por exemplo, ☺ significa que a pessoa está feliz. Pode ser feito utilizando caracteres de nosso teclado, se digitarmos dois pontos e parênteses (:)). Além disso, temos os *emojis* que surgiram nos anos 1990 no Japão, mas que não são representados por caracteres, mas por expressões faciais e imagens como objetos, lugares, animais, tipos

de clima, que entre outros, que já vêm disponíveis nos teclados dos *smartphones* e também nas redes sociais. Emojis abarcam significações das mais diversas:

Imagem 1



(<http://new.d24am.com/noticias/tecnologia/tecladoemojitera250-novas-opcoes-defigurasque-expressam-sentimentos/114178>)

Os chamados *Emojis* desempenham papel que, talvez na escrita a informação, possa não ser tão significativa ou representar exatamente o que se deseja. Usar as “carinhas” também facilita a comunicação, haja vista a necessidade de encurtar o espaço da informação entre emissor e receptor. Internautas optam por mensagens mais breves, utilizando-se das imagens no lugar da escrita. Costa (2005, p.24) aponta que,

Quanto ao processo interativo de produção discursiva na conversação face a face e nas salas de bate-papo (chats) na Internet, com implicações no uso do código escrito e nas escolhas linguísticas mais próprias da linguagem espontânea e informal oral cotidiana, há algumas semelhanças entre ambas as conversações: tempo real, correção on-line, comunicação síncrona, linguagem truncada e reduzida, etc. Mas há também algumas diferenças que, contudo, confirmam o processo simultâneo de construção da linguagem e do discurso. Podemos resumi-las na realidade “real” da conversação cotidiana e na realidade “virtual” da conversação internautica: interação face a face X interação virtual; espaço real X espaço virtual; comunicação real X comunicação virtual e língua falada X língua falada-escrita.

Mas, tanto a fala como a escrita distinguem-se da escrita virtual. O que diferencia esta última da fala, mesmo com todos os recursos utilizados para aproximação da fala, é que não conseguimos indicar as expressões faciais, diversidade dos tons de voz e as questões de retorno e turnos de fala, que muito indicam em uma conversa em face a face, por mais que tentamos substituir o tom de voz pelo uso exagerado de ortografia, de pontuação, de letras maiúsculas e as expressões faciais pelos *emotions*. E o que difere da escrita é que o texto não é estático (pode sofrer alterações), apresenta links de hipertextos, que nos remetem a outros textos. Assim, podemos compreender que a escrita virtual como uma linguagem escrita que foi em direção à fala, já que emprega variados recursos de proximidade de uma comunicação frente a frente, sendo assim um híbrido de fala e escrita. Assim como afirma Crystal (2006, p. 90):

A comunicação mediada pelo computador não é idêntica à fala ou à escrita, mas exibe certas propriedades seletivas e adaptáveis presentes em ambas. Ela também faz coisas que nenhum dos outros dois meios faz, oferecendo-nos problemas novos de gerenciamento de informações.

Por ser uma mescla da escrita e da fala, e também por oferecer novas possibilidades, como fluidez, simultaneidade, por não se acabarem como as cópias, facilidade de disseminação e a integração de um *link* a outro, a escrita virtual tornou-se um novo veículo de comunicação que é utilizado de forma diferente pelas gerações, dependendo da idade do usuário.

Temos também, na escrita virtual, o sincronismo e o assincronismo. No sincronismo, a comunicação acontece em tempo real, as interações acontecem ao mesmo tempo: e no assincronismo, a comunicação ocorre, em tempos diferentes, a resposta de uma interação pode demorar horas, por dias, por semanas ou até mesmo meses.

3.1 Nativos e imigrantes digitais

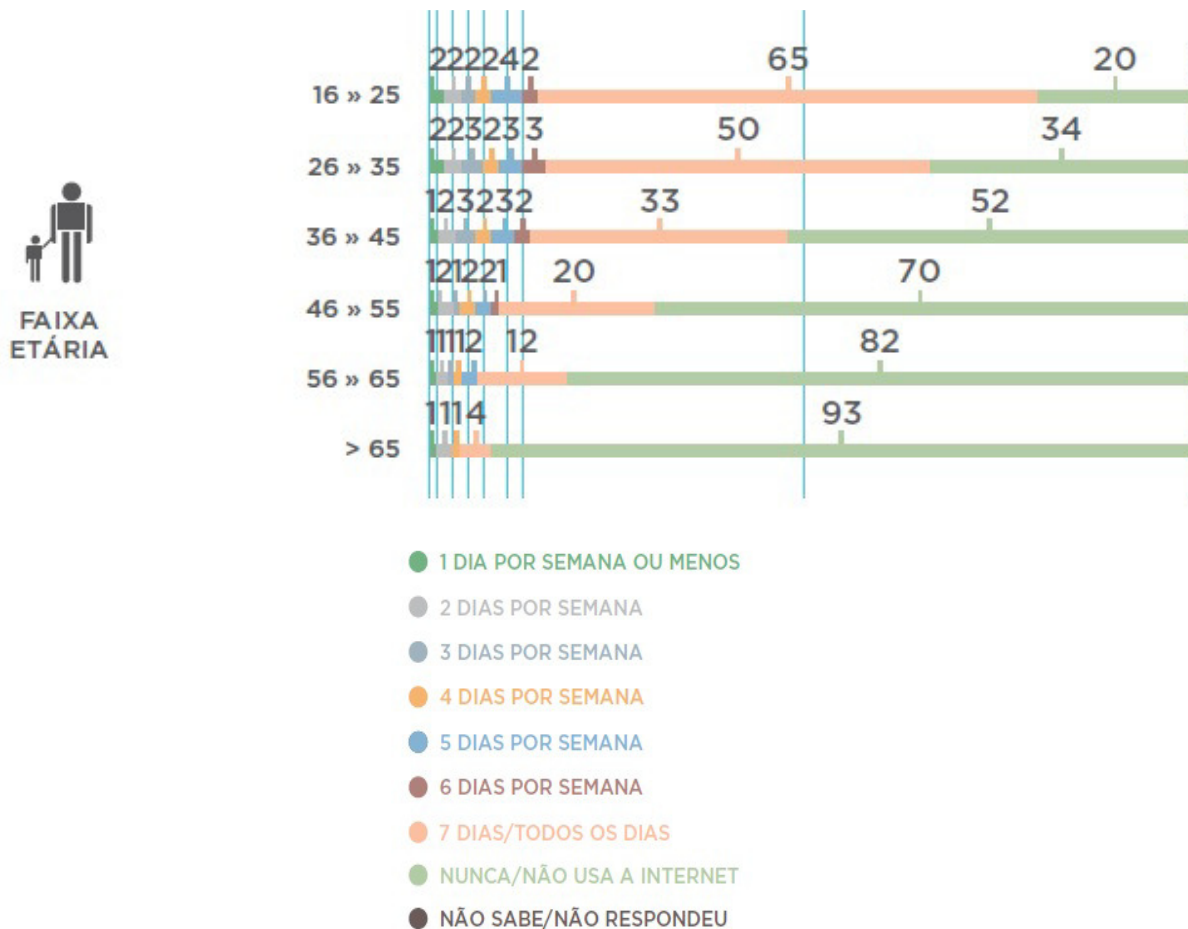
Atualmente, os usuários do ciberespaço podem ser classificados pelo período do nascimento: os que nasceram antes do surgimento da internet e após o surgimento. Isso se manifesta de tal modo que podemos perceber as diferenças de uso. Prensky (2001 apud em COUTINHO e FARBIARZ, 2010) os denominam como nativos

digitais e imigrantes digitais. Os nativos digitais são os que nasceram com a expansão das tecnologias digitais, principalmente da internet, rodeados de todo aparato tecnológico, são chamados de falantes nativos da linguagem digital. Já os imigrantes digitais, tiveram que aprender esse modelo híbrido, por isso apresentam mais dificuldades, como todo imigrante teve que adaptar-se a esse novo ambiente, apresentando “sotaques”, compara-se como uma pessoa que aprende uma nova língua, mas sua maneira particular de falar a sua língua materna ainda está presente, e neste caso as apresentam nas suas formas de ler e na busca de informações. Um nativo digital, primeiramente, busca informações na internet. Já um imigrante digital a procura em livros, como é explicado por Prensky (2001, p.2 *apud* Coutinho e Farbiarz, 2010, p. 3)

O “sotaque do imigrante digital” pode ser visto em coisas como recorrer a Internet para buscar informação em segundo lugar, e não em um primeiro momento, ou em ler o manual de um programa ao invés de assumir que o próprio programa vai nos ensinar a usá-lo. As pessoas mais velhas se socializaram de uma forma diferente de seus filhos, e estão em processo de aprendizagem de uma nova língua. E uma língua aprendida mais tarde, os cientistas confirmam, vai para uma parte diferente do cérebro.

Percebemos isso também quanto à leitura de livros. Os nativos digitais preferem os livros virtuais, conhecidos como *e-books*, já os imigrantes digitais preferem realizar sua leitura em livros físicos, mesmo com todas as vantagens do livro virtual, como seu preço e sua facilidade de mobilidade. Isso se deve também ao tempo em que eles utilizam a internet. No gráfico a seguir, da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República do Brasil, notamos que, quanto mais jovem for o usuário, mais tempo passará na internet.

Gráfico 3 – Frequência de uso da internet por faixa etária



Fonte: Brasil. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (2014, p. 53)

Analisando o gráfico acima, percebemos que os usuários mais novos ficam muito mais tempo conectados à internet, comparado aos usuários de mais idade. Quando a pergunta é sobre quantos dias por semana os entrevistados utilizam a internet, os que responderam todos os 7 (sete) dias da semana, foram os mais novos entrevistados, estes ficam mais tempo conectados, e os mais velhos que utilizam a internet é um número bem menor, sendo apenas 4%; os mais novos representam 65%. Na resposta da pergunta acima para os jovens de 16 a 25 anos, 65% utilizam a internet todos os dias, dos que têm idade de 26 a 35 anos, 50%, de 36 a 45 anos, 33%, de 46 a 55 anos, 20%, de 56 a 65 anos, 12% e os acima de 65 anos apenas 4%. A porcentagem cai de 65% entre os mais jovens para 4% para os mais idosos, então podemos perceber que os nativos digitais, que nasceram na era digital são bem mais familiarizados com as tecnologias digitais, já os imigrantes digitais; não passam tanto tempo conectados.

Mas, para Barton e Lee (2015 p. 23) “não há idade clara para marcar uma diferença no uso da tecnologia”. No início da internet, esses termos eram necessários, mas atualmente, após mais de 20 anos de utilização, as pessoas, que antes eram chamadas de nativos digitais, estão cada vez mais familiarizadas com o seu uso nas mais diversas formas e espaços, especialmente com a linguagem utilizada neste ambiente, que será assunto do nosso próximo item.

3.2 A linguagem da internet

Todas as línguas acompanham as mudanças que acontecem em nossa sociedade, manifestando assim nossa cultura, variando de um período para outro, demonstrando dessa maneira o que está acontecendo ao nosso redor. E como ela está em pleno uso sofre interferência de sua comunidade de falantes. A popularização da internet aumentou as formas de comunicação e interação entre as pessoas, por isso viu-se a necessidade de uma nova linguagem, pois como já foi apresentado no capítulo anterior, esse ambiente exige respostas rápidas e imediatas, surgindo assim o chamado “internetês”, que é a linguagem utilizada nesse ambiente, conforme Rajagopalan (2013 p.37) “O internetês – linguagem ou linguajar (como se quiser) que os internautas estão espalhando pelo mundo [...]”.

Considerada como uma inovação linguística ela surgiu com a difusão da internet, assim como o telegrafês em 1839, com a invenção da telegrafia, que também necessitava de uma comunicação veloz, apresentando uma comunicação breve, para atender assim as necessidades comunicativas daquela época. Essa inovação é caracterizada pelo hibridismo de fala e escrita e pela utilização de acrônimos, siglas, reduções, homónofos, grafias estilizadas, *emoticons* e pontuação não convencional, modificando assim a forma de escrever.

Toda essa modificação em relação à escrita tem impressionado os estudiosos de línguas, por ser uma novidade linguística, trouxe principalmente um novo padrão de comunicação na escrita, marcado por criações lexicais, formas abreviadas, recursos visuais, entre outros. Essas inovações foram vistas com desconfiança por alguns professores, que se consideram os guardiões da língua e da gramática normativa, pois em suas visões é uma forma nociva à norma culta, uma vez que tudo o que é recente e inexplorado causa medo e desconforto. Tal público defende o purismo da língua, pois

a consideram como um símbolo de sua população, segundo Câmara Jr (1977, p.40), o purismo é uma “Atitude de extremado respeito às normas linguísticas consagradas pela tradição do idioma, que muitas vezes se assume na língua literária; a língua é considerada à maneira de uma água cristalina e pura, que não deve ser contaminada.” Assim, seja qual for a modificação na língua, é enxergada de uma forma negativa, ainda mais se forem utilizadas palavras oriundas de outras línguas, principalmente do inglês, que funciona como um tipo de língua franca.

Não é comum encontrar mudanças que sejam tão amplas em suas implicações a ponto de afetar grupos linguísticos, e é extremamente raro ver mudanças tão globais que afetem todas as línguas. Na verdade, para ilustrar essa última questão temos de mudar o padrão de exemplos e aludir à chegada de novos veículos – tais como a escrita, a imprensa, a telefonia e as transmissões de rádio e televisão – cuja influência sobre o caráter das línguas tem sido universal. A Internet é o último desses meios, e seu impacto na língua tem sido o mais revolucionário de todos. (CRYSTAL, 2006, p. 16)

Com todas essas mudanças tecnológicas, as formas de comunicação entre as pessoas também foram modificadas, alterando assim a linguagem utilizada nesta comunicação, novas necessidades linguísticas são criadas, novas palavras são criadas. Podemos perceber isso quando Crystal (2005), em suas pesquisas iniciais sobre a revolução da linguagem, usava a expressão CMC (Comunicação Mediada por Computador), mas teve que renovar sua expressão, pois presentemente a comunicação é estabelecida por outros meios de comunicação como *tablets* e celulares, o termo agora utilizado pelo autor é CMD (Comunicação em Meios Digitais). Para Rajagopalan,

[...] o internetês não tem um único criador. Pelo contrário, ele é fruto do trabalho coletivo de multidões de usuários. Por esse relevante aspecto, o internetês traz algo que é próprio das línguas ditas naturais – como o português ou espanhol, que não “caíram do céu” num belo dia, mas foram talhados por gerações e gerações de usuários, que os aperfeiçoaram ao longo de anos. (RAJAGOPALAN, 2013, p. 45)

A linguagem da internet é utilizada por milhões de usuários que a acessam diariamente, sendo assim construída por eles, e é esculpida segundo as exigências que a mesma apresenta características das línguas naturais, pois se modificou espontaneamente na internet, não foi uma língua criada por poucas pessoas, como as línguas artificiais, por exemplo, o esperanto, a libras, entre outras. Por estar em um ambiente que exige celeridade e instantaneidade, tem como características a

brevidade, por isso encontramos contração de palavras, siglas, junção de letras e números, e por ser uma comunicação que se parece com a fala utilizamos os *emoticons* e pontuação estilizada, por exemplo, ☹ e !!!!!!!!!!!!!!!!, para expressar nossas reações e entonações de fala. E para descrevermos esse modelo criado para nos comunicarmos na rede mundial de computadores, que tem características próprias, além de algumas particularidades da fala e da escrita, Crystal (2006) defende que é preciso uma nova forma de pesquisa, pois as já existentes não dão conta dessa nova linguagem, denominada por ele de Linguística da Internet, como já explicamos no item 1.4 do capítulo 1.

3.3 As redes sociais

As redes sociais são constituídas por pessoas, que são atores sociais, que as utilizam para se comunicar e interagir, colocando nessas interações seus laços sociais. Desta forma, são espaços particulares e também coletivos, pois são criados por uma pessoa, ou por grupos, porque todos os seus “amigos” ou seguidores terão acesso a publicações privadas. E segundo Castells (2000, p.565) “Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material de sua expansão penetrante em toda a estrutura social.”

Conforme Castells (2000, p. 566), “Rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta.” O autor cita vários tipos de redes existentes em nossa sociedade como: os mercados de bolsa de valores, os conselhos nacionais de ministros, os campos de coca e papoula, os laboratórios clandestinos, os sistemas de televisão, os estúdios de entretenimento, os meios de computação gráfica, as equipes para cobertura jornalística, entre outros, para eles as redes estão ligadas uma a outra por nós, elas têm algo em comum, os mesmos interesses, por exemplo, como as redes de supermercados que se associam para que suas compras consigam os melhores preços.

Atualmente as redes sociais virtuais que surgiram com o advento da internet, proporciona um novo conjunto de nós interconectados, alterando assim não só a forma de nos comunicarmos, conforme dito anteriormente, mas também as nossas relações sociais, a forma com que nos relacionamos com as pessoas, já que nelas nos

é possibilitada a comunicação com pessoas próximas e com outras que estejam distantes, propiciando assim uma maior divulgação de conhecimentos e informações, As redes sociais são formas de comunicação que aproximam pessoas mesmo que estas estejam a milhares de quilômetros de distância, pois são intercomunicadas por meio de preferências em comum, como define por Santos (2013, p. 19). “As redes sociais são, de modo geral, um canal comunicativo entre pessoas que se conhecem ou que querem se conhecer normalmente, essas pessoas se conectam por terem interesses comuns, criando laços de amizade [...]”.

As redes sociais no ambiente virtual propiciam aos seus usuários a interação e a comunicação com diversos indivíduos ao mesmo tempo, neste espaço os usuários compartilham ideias e assuntos de interesses comuns, sendo assim uma via de mão dupla, compartilhando sentimentos, informações, conhecimentos, fotos, links, vídeos e também comentando e curtindo publicações de sua rede de amigos.

Os sites de relacionamento congregam pessoas, que criam perfis virtuais para si mesmas, nos quais acrescentam informações a seu respeito, como interesses pessoais e profissionais, vídeos, fotos, mensagens e textos de várias naturezas. Nas redes, as pessoas agrupam-se de acordo com seus interesses comuns. Desse modo, esse tipo de site atua como representação virtual dos relacionamentos entre os seres humanos em seu mundo real. (Carvalho e Kramer, 2013 p. 80).

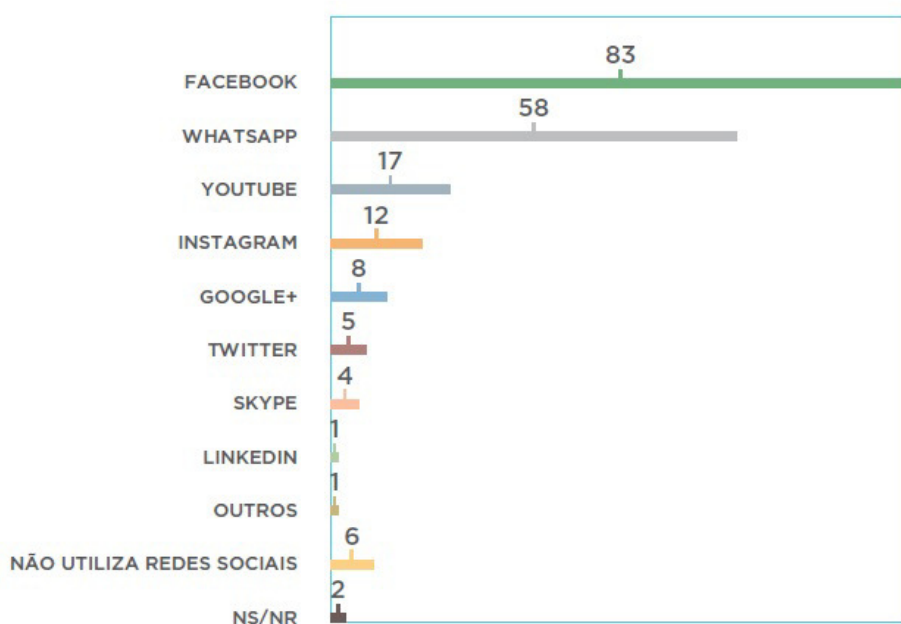
Nas redes sociais virtuais, as pessoas mantêm contato com outras pessoas, não importando sua localização geográfica, além de poderem manter contato com pessoas com que não possuem mais o contato real. Seja por mudança de cidade, escola, bairro, muitos colegas de escola ainda mantêm este contato e por meio das redes sociais promovem até reencontros presenciais, que se não fosse pela amizade virtual, não conseguiriam fazê-los. Conforme dito anteriormente, além de possibilitar conhecer pessoas de cidades e até outros países, alguns relacionamentos começam a partir do contato com a rede social, que mais tarde, podem transformar-se em relacionamentos reais, evoluindo em casamentos. Atualmente uma das redes sociais mais populares é o “Facebook”, que será discutido no próximo item.

3.4 Rede Social Facebook

O Facebook foi criado no ano de 2004, pelo estudante Mark Zuckerberg, da universidade americana Harvard. Mark cursava psicologia e ciência da computação. O objetivo da criação da rede era viabilizar a comunicação dos estudantes de sua universidade, sendo assim, em seu início, era necessário ser aluno da universidade, mas logo expandiu-se para outras universidades da região; e, sem muita demora, ampliou-se para outras escolas do país e, atualmente, está presente na maioria dos países do mundo, tornando-se hoje uma das redes sociais mais usadas pelos usuários da internet.

Há outras redes sociais como o Twitter, LinkedIn, Instagram, Youtube, mas, de acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, realizada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, sobre os hábitos de consumo de mídia pela população brasileira, o Facebook é a rede social mais acessada pelos brasileiros, conforme os dados apresentados no gráfico a seguir:

Gráfico 4 – Redes sociais mais utilizadas



Fonte: Brasil. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (2014, p. 62)

Após análise do gráfico, verifica-se que o Facebook é utilizado por 83% das pessoas que navegam na internet no Brasil, o WhatsApp⁴ (programa mais popular de

⁴ Tanto o WhatsApp quanto o Instagram pertencem ao Facebook.

trocas de mensagens instantâneas, criado em 2009) é usado por 58% dos usuários da internet; em seguida, o Youtube com 17%; depois vem o Instagram com 12%, o Google+ com 8% e, por último o Twitter, com 5%. Vemos, assim, um número muito alto de usuários na rede social Facebook, e, de alguma forma essa rede social influencia a forma de comunicação entre as pessoas, principalmente sua forma de escrever, por ser um espaço mais informal e também dinâmico e instantâneo. É um ambiente público, e em concordância com Carvalho e Kramer (apud Sheperd e Saliés, 2013, p. 80 e 81):

O Facebook é atualmente a mais popular rede de relacionamentos no Brasil. Ele congrega pessoas de diferentes idades, classes sociais, graus de instrução, embora por forças sociais, essas diferenças continuem sendo perceptíveis pelos perfis dos usuários e pela rede que integram.

Não só no Brasil, mas mundialmente, o Facebook é utilizado por mais de 1 bilhão de pessoas. Essa não foi a primeira rede de relacionamentos; há alguns anos atrás a rede mais utilizada no Brasil era o Orkut, que foi criada em 2004 e desativada em 2014. A preferência pelo Facebook foi devida aos recursos e possibilidades de comunicação e interação, por proporcionar a troca de vídeos e imagens em tempo real. Nesses anos de existência passou por várias atualizações.

Imagem 2 – Página inicial do Facebook

The image shows the Facebook homepage interface. At the top, there is a blue navigation bar with the Facebook logo on the left and login fields on the right. The login fields include 'Email ou telefone' and 'Senha', with an 'Entrar' button and a link for 'Esqueceu a conta?'. Below the navigation bar, the main content area is divided into two sections. On the left, there is a large graphic featuring a thumbs-up icon holding a smartphone, with a red heart above it. Below this graphic, the text reads 'Agradecemos a sua visita!' and 'Esperamos ver você em breve novamente.'. On the right, there is a 'Cadastre-se' (Sign Up) section. It includes the text 'É gratuito e sempre será.' followed by input fields for 'Nome' and 'Sobrenome', 'Celular ou email', and 'Insira novamente o número do celular ou o e...'. There is also a field for 'Nova senha'. Below these fields, there is an 'Aniversário' section with dropdown menus for 'Dia', 'Mês', and 'Ano', and radio buttons for 'Feminino' and 'Masculino'. At the bottom of the registration section, there is a green 'Cadastre-se' button and a link to 'Criar uma Página para uma celebridade, banda ou empresa.'

Fonte: www.facebook.com

A imagem 2 é a tela inicial para cadastro e acesso ao Facebook, após a criação de seu perfil, o usuário pode atualizar seus *status*, que pode ser um texto ou uma frase, descrevendo-se ou expondo seus sentimentos, opiniões, bem como curtindo, compartilhando e comentando notícias e informações. Qualquer pessoa maior de 13 anos pode cadastrar-se, desde que tenha uma conta de e-mail ou um número de telefone celular. Basta configurar sua conta, adicionar amigos e começar as suas postagens.

O Facebook é um dos melhores representantes da cultura de convergência. Os usuários podem facilmente se conectar a sites externos, por exemplo, um artigo de jornal, clicando no botão “curtir”. Isto imediatamente cria conexões intertextuais entre textos e recursos disponíveis *online*. (BARTON e LEE, 2015, p. 59)

Além de todas as possibilidades que a rede possibilita, seus usuários podem compartilhar links de sites fora do Facebook, como jornais online, blogs, páginas, vídeos, entre outros, dando assim acesso a infinitudes de textos e informações disponíveis na internet, fazendo ligações externas, criando assim uma nova forma de consumo, em que os consumidores são impulsionados a procurarem e a produzirem novas informações, estabelecendo novas conexões. Rede essa, que atualmente, pode ser acessada não só por computadores e *notebooks*, mas também por telefones celulares e *tablets*. E com sua popularização algumas companhias telefônicas móveis oferecem para seus usuários acesso ilimitado para esta rede, ficando assim esse usuário muito mais tempo conectado neste ambiente.

Por ficar muito mais tempo logado, a interação e a comunicação neste ambiente têm que ser rápida e dinâmica, devido a isso inovamos neste ambiente, criando, ressignificando e difundido novas palavras, de acordo com as nossas necessidades comunicacionais. E será que para atendermos essas novas necessidades seguimos os processos de formação de palavras já existentes? Para descobriremos isso, apresentamos no próximo capítulo, uma revisão bibliográfica dos processos de formação de palavras na língua portuguesa, para em seguida em um novo capítulo analisar essas novas palavras e seus processos de formação.

É necessário compreender que a escrita virtual, o denominado *internetês* como também é conhecida, abrange em sua produção vasta criatividade por parte de seus usuários. Como outra prova disso têm-se os inúmeros *memes* que, podem expressar os mais variados sentimentos. Nas conversas virtuais, o uso da linguagem abreviada, dos

emoticons, dos *meme*” é frequente, já que não existe a expressão facial, e, diferente da conversa telefônica, que também é à distância, não se percebe a entonação da voz de quem fala, nesse caso de quem escreve. Assim, para evitar os mal-entendidos, os internautas utilizam os mais diversos recursos para fazer da língua falada-escrita, uma conversa informal e irreverente.

A escrita virtual é consideravelmente criativa, e assim como a fala, é capaz de tornar mais próximo no ambiente virtual, o que se tem nas relações pessoais, pois as conversas em ambientes virtuais imitam a realidade falada como aquelas que temos com os amigos no bar ou no telefone.

4. FORMAÇÃO DE PALAVRAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Como dissemos, a linguagem no ambiente virtual é rápida e dinâmica. Interagimos no ambiente virtual da mesma forma que ele funciona e, para facilitar essa comunicação, abreviamos palavras, reduzimos letras, damos novos significados para palavras já existentes, alterando assim nossa forma de escrever. Conforme Bechara (2009, p. 351), “As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral”. Atualmente, a tecnologia está evoluindo em uma velocidade impressionante, sobretudo na área da informática, como por exemplo, criam-se novos aparelhos e novos aplicativos a todo momento, surgindo assim a necessidade de criarmos, novas palavras para nomear estes novos dispositivos, mas como acontece de uma forma muito rápida não temos tempo suficiente para isso, por isso emprestamos palavras das outras línguas, principalmente da língua inglesa, para dar nomes a esses novos objetos e programas.

As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se *neologismos*, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os *arcaísmos*, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade lingüística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados. (BECHARA, 2009, p. 351)

Para entender tal processo é preciso apresentar uma área dos estudos lingüísticos responsáveis por isso: a morfologia. Ela estuda as regras que regem a estrutura interna das palavras, suas combinações para construir os termos, ou seja, a formação das palavras na língua.

A morfologia pode ser estudada a partir de diversas pressuposições teóricas. Elencamos quatro grandes correntes que procuraram fazer a descrição e análise do componente morfológico das línguas: o descritivismo, o historicismo, o estruturalismo e o gerativismo.

O descritivismo está ligado ao período em que os filósofos-gramáticos gregos buscavam estabelecer relações entre a lógica e a linguagem, preocupando-se com a descrição e fixação de paradigmas. (Rocha, 2008, p. 25)

O historicismo tem seu apogeu no Século XIX, quando se concluiu que o português, o espanhol, o catalão, o galego, o francês, o italiano, o provençal e o

romeno tiveram origem no latim vulgar, o que deu origem à Filologia Românica e à Filologia Germânica, alavancando o estudo das línguas. (Rocha, 2008, p. 26)

O Estruturalismo surge a partir da publicação do *Curso de linguística geral*, de Ferdinand de Saussure, em 1916, considerando a língua como um sistema de valores que se opõem entre si.

A versão norte-americana do Estruturalismo, de Sapir e Bloomfield, apresenta um caráter mais pragmático, descrevendo as línguas indígenas. (Rocha, 2008, pp.26-27)

Já o Gerativismo, surgiu do esgotamento do Estruturalismo no final da década de 1950, com o lançamento de *Sintática estruturas*, de Chomsky. A língua passa a ser entendida como inata aos seres humanos. Nessa perspectiva, pretende-se explicitar a capacidade do falante nativo em relação ao léxico, isto é, a capacidade para formar novas palavras, de descartar outras, de instituir relações entre elas, e ainda, identificar sua estrutura. (Rocha, 2008, p.30)

Com relação ao léxico, a competência é o conhecimento que o falante tem de sua língua como falante nativo, se ele conhece a língua sabe como usá-la em situações concretas. Assim, para Basílio (1987, p.9), a competência lexical é composta pelo conhecimento de uma lista de entradas lexicais que o falante possui. Nesse sentido, a criação de itens lexicais também pode surgir de uma demanda nova, quando temos necessidade de dar nome a algum objeto novo, podemos criar novas palavras utilizando estruturas já existente em nossa língua, ou também usar palavras advindas de uma outra língua. Fazemos tudo isso para atender nossa exiguidade de comunicação, conforme afirma Basílio (2013),

As línguas existem para que possamos falar uns com os outros. O objeto de nossa comunicação é o mundo, mais precisamente nosso mundo: coisas, pessoas, lugares, ideias etc. e suas relações, sejam esses naturais ou artificiais, concretas ou abstratas, reais ou imaginadas. Naturalmente, é necessário primeiro identificar as coisas de que queremos falar e, portanto, designar pessoas, lugares, acontecimentos etc. sobre os quais vamos nos expressar. Assim, a língua é ao mesmo tempo um sistema de classificação e um sistema de comunicação. (p. 9)

O léxico de uma língua pode e precisa ser alterado com celeridade, e isso acontece em todas as culturas, já que essas mudam espontaneamente, e as línguas as acompanham. Nesse sentido, não existe língua que não passe por transformações, por mudanças, o que fica ainda mais evidente em culturas dinâmicas como a nossa.

Quando acontecem mudanças em nossa sociedade, como a revolução tecnológica, automaticamente altera-se a forma de pensar e viver em sociedade, e com isso a linguagem precisa acompanhar essas mudanças, pois espera-se que uma língua, em pleno uso por milhões de pessoas, sofra alterações e também seja ampliada, aumentando assim seu léxico.

Quando surge um aparelho novo, a língua precisa nomear aquele objeto e para isso constrói a uma palavra nova e a passa a derivá-la para dar conta das novas necessidades. Em português, podemos destacar a palavra *telefone*, que veio da palavra inglesa *telephone*, sendo dicionarizada em língua portuguesa em 1874 (conforme Dicionário online *Houaiss*) e dela foram derivadas *telefonema*, *telefonista*, entre outras. Por isso, conforme McCleary (2007):

A mudança lexical é muito importante, principalmente em culturas dinâmicas, como a nossa, em que o conhecimento científico e tecnológico cresce dia a dia. Não se pode esperar que a língua que era perfeita para falar sobre os fatos e os objetos do mundo de 1800 seja igual à língua de que precisamos para falar sobre os fatos e objetos do mundo de hoje! Quando a sociedade muda, quando a tecnologia muda e quando as ideias mudam, a língua tem que acompanhar. (p. 31)

Sendo assim, a mudança lexical acontece em todas as línguas, o que a torna um acontecimento natural e imprescindível, expressando assim a inventividade humana. As novas palavras são formadas com componentes que já fazem parte da nossa língua. Também podem ser adquiridas por empréstimo de uma outra língua, como por exemplo as palavras *estresse*, *cd*, *dvd*, *mouse*, *pendrive*, entre outras que vieram da língua inglesa.

A língua portuguesa recebe palavras de outras línguas desde a colonização do Brasil, época em que palavras indígenas e africanas, foram incorporadas ao nosso vocabulário. No século XIX, com a imigração de alemães e italianos, também recebemos influência de suas línguas. *Angu*, *babá*, *bagunça*, *lambança*, *moleque*, são alguns exemplos de palavras incorporadas de línguas africanas. Já *mandioca*, *canoa*, *cupim*, *xará* são exemplos de incorporações de línguas indígenas brasileiras ao português. Quando chegamos ao início do Século XX, importamos muitas palavras do francês, como *sutiã*, *abajur*, *buffet*, *à la carte*, entre outras.

Atualmente, devido ao avanço tecnológico e científico dos Estados Unidos, a língua inglesa é a que mais empresta palavras para o português, tais como *bife*, *futebol*, *coquetel*, *blefe*, *uísque*, *clube*, *folder*, *banner*. Tais empréstimos são feitos de

forma muita rápida, já que nem sempre temos tempo hábil para pensar em uma outra palavra para substituir esses estrangeirismos. Os motivos por que fazemos esses empréstimos, além da celeridade de criação desses novos objetos e programas, pode ocorrer também algumas vezes, devido à tradução destas novas formas para o português não resultar eficiente e também para favorecer a comunicação entre técnicos de outra língua. Esses empréstimos de palavras são denominados de *estrangeirismos*. Com o passar do tempo essas palavras se incorporam definitivamente à nova língua, como explica Torrano:

Num primeiro momento, a unidade léxica permanece como um elemento estrangeiro à língua, com sua forma original inalterada. Com o aumento do uso pelo grupo, isto é, com o aumento de frequência, a unidade sofre alterações, até que passa a ser sentida como uma unidade da língua de destino sujeita às regras de transformação morfológica da mesma, tornando-se um empréstimo. Com o uso frequente, a unidade léxica perde seu caráter neológico e incorpora-se definitivamente à língua de destino, passando pelo processo de desneologização e passa a pertencer ao universo léxico. (2010, p. 22).

No início, quando emprestamos uma palavra de outra língua, para efeito de registro, não alteramos sua grafia e a grafamos em itálico ou entre aspas para marcarmos que é um estrangeirismo. À medida que a utilizamos e a incorporamos em nossa língua podem ocorrer mudanças na grafia, na estrutura e no seu significado. Com aprovação e utilização contínua da palavra estrangeira, a mesma vai se alterando e se renovando, encaixando-se assim nas regras gramaticais da língua importadora, até que se torne parte desta língua, perdendo o *status* de neologismo, entrando assim para o dicionário. Como as palavras *futebol*, *lobby*, estresse (já aportuguesada), lobista (derivada de *lobby* e já incorporada ao português) que são de origem estrangeira e que foram se incorporando a nossa língua.

Mas nem todos aceitam o estrangeirismo em nossa língua. Gramáticos, como Ediruald de Mello, citado pelo então deputado Aldo Rebelo (em sua justificativa do projeto de lei de 1999⁵), e abordagens mais conservadoras são contra o uso dessas palavras na língua portuguesa. Por isso o deputado propôs um projeto de Lei que “dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa”, e estabelece que não seria aceito o estrangeirismo na língua portuguesa.

⁵Projeto de Lei nº 1676-D

Tal projeto foi realizado sem a consultoria de nenhum linguista, citando apenas alguns gramáticos e jornalistas. Para um leitor com formação universitária (que representa um percentual pequeno da população) se não for da área do direito, a leitura do documento não é simples. Apesar de estar escrito em português, vem marcado por vários termos técnicos específicos da área do direito. Portanto, o problema não está na língua ou no estrangeirismo, mas na seleção de palavras e na construção de sentenças destinadas para determinado público.

Existem palavras que fazem parte de certos grupos da sociedade e pertencem ao português, mas não são amplamente conhecidas. Sendo assim, o projeto se mostra contraditório, pois defende a língua portuguesa utilizando-se de termos e construções de frases que apenas a minoria da população consegue entender. Segundo Perini (2001), o projeto de lei serviu para discutir e sinalizar a existência de parte deste problema, que para ele esse é muito mais cultural e político do que linguístico, pois isso só poderia ser mudado com a valorização de nossa língua e cultura.

A língua é dinâmica, por isso vive em contínua alteração; ela não é homogênea, varia de pessoa para pessoa, dependendo do sexo, da idade, da escolaridade, da classe social e da região em que vive, ainda mais no Brasil, que tem uma imensa extensão territorial equivalente a um continente. A língua em sua manifestação também apresenta suas variações individuais, a que Saussure chama de “fala”. Utilizamos variadas formas de comunicação de acordo com o momento. Em determinados momentos utilizamos uma linguagem mais formal, como quando estamos em uma entrevista de emprego ou em apresentações de trabalhos em congressos acadêmicos, mas quando estamos em casa com amigos e familiares, utilizamos uma linguagem mais informal, não nos preocupamos tanto na utilização de todas as regras gramaticais; é uma linguagem menos monitorada. E isso não é diferente com a língua portuguesa, que se transforma e se adapta às novas necessidades de comunicação, sendo assim estamos sempre criando novas palavras, e para isso, além dos empréstimos que fazemos de outras línguas, também usamos as formas normatizadas já existentes em nosso vocabulário. Criamos novas palavras a partir dos padrões do sistema do português.

Como estamos sempre (re)produzindo e (re)conhecendo novos seres, objetos e relações, precisamos de um sistema dinâmico, capaz de se expandir à medida que se manifesta a necessidade de novas unidades de designação e construção de enunciado. (BASILIO, 2013, p. 10)

Na internet deparamos com novas probabilidades de uso da língua. Nela, eventualmente, precisamos de palavras novas para nomear o que descobrimos de novo. Pelo princípio da economia linguística, reutilizamos formas preexistentes na construção de novas palavras, evitando assim sobrecarregar nossa memória. Veja-se o excerto a seguir:

[...] a razão por que formamos palavras é a mesma razão por que formamos frases: o mecanismo da língua sempre procura atingir o máximo de eficiência, o que se traduz num máximo de flexibilidade em termos de expressão simultaneamente a um mínimo de elementos estocados na memória. É essa flexibilidade que nos permite contar com um número gigantesco de elementos básicos de comunicação sem termos que sobrecarregar a memória com esses mesmos elementos. (BASILIO, 1987, p. 6)

Para descrever o fenômeno das redes sociais na internet, é fundamental fazer uma revisão de determinados conceitos essenciais e recorrentes em nosso trabalho, tais como o termo *palavra*, para só depois apresentarmos como as mesmas são formadas e como são esses processos. Elas são utilizadas pelos falantes para criar enunciados e estabelecer a comunicação, de acordo com a necessidade.

Para Basilio (2013, p.7), há duas motivações para a formação de palavras. A primeira, quando uma palavra de uma classe ou categoria lexical muda para outra. Forma-se uma palavra nova com base em outra já existente.

A segunda motivação ocorre pela necessidade de um acréscimo semântico em uma significação lexical básica. Por exemplo, a prefixação utilizada na formação de palavras quando se busca, com base no significado de uma palavra, formar uma outra que esteja semanticamente relacionada.

De acordo com Basilio (2013, p.10), o que motiva a formação de palavras são os mecanismos da língua que sempre procuram atingir o máximo de eficiência, conforme dito acima. Os elementos constitutivos das palavras são formados por morfemas, que são elementos mínimos carregados de significação. São dois tipos de morfema: os afixos e a raiz. A raiz forma a base de uma palavra. Os elementos acrescentados à raiz para formar palavras são os afixos. Em português, eles podem ser divididos em prefixos (antes da palavra-base) e sufixos (depois da palavra-base).

Segundo Basilio (2013, p. 90), a base é o elemento que constitui o núcleo de uma construção morfológica; sobre a qual um processo age para a formação de uma palavra. Em português, são dois tipos de base para formação de palavras: bases livres – aquelas constituem palavras – e bases presas – não possuem significação

independente e funcionam ligadas a outras bases.

Para a morfologia, a base recebe a nomenclatura de radical, se ele está seguido por uma vogal temática, temos um tema. Para Basílio (2013), os processos de formação de palavras são os seguintes: derivação, composição, derivação regressiva, derivação parassintética e derivação imprópria. Kehdi (2003) acrescenta a sigla ou siglagem e o hibridismo. Já Alves (2015) descreve os processos de reduplicação, truncamento e palavra-valise ou cruzamento vocabular.

Definir o termo *língua* não é um simples. Existem inúmeras abordagens para seus derivados, inclusive para a definição de *palavra*, devido ao abarcamento de elementos que uma palavra apresenta como: fonológico, gráfico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. Sendo assim muitos estudos realizados na área de morfologia e formação de palavras por Basílio e Alves, nos mostram que é uma questão difícil de se resolver, pois não se consegue chegar a uma definição única; sempre que encontramos um aspecto para definir, deixamos de lado outro. Para esse trabalho utilizamos a definição de Correia e Almeida (2012 p. 12):

Definiremos o conceito como uma forma, um significante (sequência de sons, de grafemas – na língua escrita; sinal – na língua de sinais), ao qual associamos de forma estável, um padrão flexional, uma categoria morfossintática e um significado ou conjunto de significados relacionados.

Para os autores citados acima, além de ter um significado, a *palavra* é aliada à sua flexão e às classes morfológicas e sintáticas, abrangendo assim mais tópicos, por isso a escolhemos como definição de palavra nesta dissertação. É muito mais que uma significação, pois apresenta padrões flexionais, classes de estruturas e construções sintáticas, e fazendo assim parte do *léxico* e do *vocabulário* de uma língua.

No Século XIX, o estudo comparativo das línguas desenvolvido por August Von Schegel, que foi reformulado por August Scheicher, formulou uma tipologia morfológica que, segundo os autores, as línguas estão distribuídas em três tipos: i) isolantes: todas as palavras são raízes, as mesmas não podem ser segmentadas em elementos menores, portadoras de informação gramatical e/ ou significado lexical. É o caso chinês. ii) aglutinantes: as palavras se associam às raízes e afixos distintos para expressar as diferentes relações gramaticais. O turco é um exemplo de uma língua em que pode distinguir claramente um afixo para cada informação gramatical. iii) flexionais: as raízes se unem a elementos gramaticais, que indicam a função de

palavras e não podem ser segmentados na base de “um som e um significado” ou um afixo para cada significado gramatical, como nas línguas aglutinantes. Um exemplo clássico seria o latim, já que suas desinências de caso trazem informações de caso, de número e gênero. Destaca-se que não existe nenhuma língua que seja exclusivamente isolante, aglutinante ou flexional.

Ainda antes de entrar nas análises, diferenciaremos os termos *léxico*, *vocabulário* e *vocábulo*. Consoante Basílio (2013, p. 15) “... já as diferentes formas flexionadas de pegar seriam vocábulos, isto é, variações de forma da palavra.” Nesse sentido, o *vocábulo* não apresenta a estrutura, sem levar em consideração o sentido de tal termo.

Já o termo *léxico* se refere ao conjunto todas as palavras de uma língua, incluindo as que estão em fase neológica até as já que não utilizamos mais. Segundo Melo (2012, p. 35), “O léxico consiste no inventário aberto de palavras de que uma dada língua dispõe”. O *vocabulário* é apenas uma parte deste *léxico*, podendo ser o vocabulário individual, pertencente a uma pessoa, como também o vocabulário específico de uma profissão e de acordo com Melo (2012, p. 35) “Na verdade, o vocabulário é o léxico individual de um dado falante/ouvinte”. O *léxico* é mais abrangente, pois nele encontram-se as palavras novas, aquelas que estão em uso e também as que caíram em desuso, já o *vocabulário* é mais ínfimo, é uma pequena parte do léxico, mas que está em constante mudança, já que estamos sempre aprendendo novas palavras dependendo de nossas primordialidades, além de criarmos novas palavras.

Os principais processos de formação de palavras da língua portuguesa são a *derivação*, que é a junção de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base; e a *composição* que é a junção de uma base a outra. Nesses dois processos de formação de palavras o substantivo, o adjetivo, o verbo e o advérbio (sua participação é bem menor) são as principais classes de palavras envolvidas no processo de formação de palavras. Além de utilizarmos os estrangeirismos para a criação de novas palavras em português, aproveitamos estruturas já pertencentes à língua como os processos de derivação e composição; nestes casos as classes gramaticais das palavras podem ser alteradas ou mantidas. Para compreendermos melhor esses dois processos explanaremos o que é a derivação, e em seguida apresentaremos a composição.

4.1 Derivação

Entre os processos de formação de palavras da língua portuguesa a derivação é o mais produtivo, segundo Basílio (2013), pois por meio dela pode-se utilizar os mesmos afixos a um número muito grande de palavras bases, criando assim uma infinidade de novas palavras.

Para Basílio (2013, p. 26), a derivação é caracterizada pela junção de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base, formando uma palavra. Ex: *pedreiro* (base= pedr + sufixo = -eiro), *refazer* (prefixo=re-+ base= fazer). A derivação formada por base+ prefixo, recebe o nome de *derivação prefixal*, se for de base + sufixo, *derivação sufixal*.

Geralmente, a base de uma forma derivada é livre, podendo constituir um enunciado, como os verbos, substantivos, adjetivos e advérbios. Mas, podem ocorrer derivações a partir de bases presas. Ex.: *filosófico* apresenta o acréscimo do sufixo -ico, formador de adjetivo à base *filosof-*.

Basílio (2013, p.28) lembra que os afixos possuem funções sintático-semânticas definidas. A função sintática porque pode mudar a classe de uma palavra com o acréscimo de um afixo a uma base e função semântica porque os significados podem ser calculados com base na noção fornecida pelo afixo. A palavra-base é determinada pelo afixo gramatical ou semanticamente. A generalidade no processo de formação de palavras é entendida como a probabilidade de palavras com determinados sufixos que apresentam a mesma noção, enquanto a produtividade representa a possibilidade de criação de palavras novas.

A *derivação prefixal* ocorre quando adicionamos um morfema antes do radical, por exemplo, quando acrescentamos o prefixo *-in*, antes do adjetivo *feliz*, formamos o substantivo *infeliz*, e a derivação sufixal, acontece quando colocamos um morfema após o radical, como no advérbio *felizmente*, acrescentamos o sufixo *-mente* ao adjetivo *feliz*, nos dois casos há alteração de classe gramatical.

Na *derivação por sufixação* é o sufixo que determina a categoria lexical da nova palavra, como em *bondosamente* (*bondoso+mente*), de um adjetivo formamos um advérbio e na derivação por prefixação o prefixo especifica a alteração semântica da palavra nova, como em *ilegal* (*i+legal*) e na *derivação parassintética*, em que temos o prefixo+base+sufixo, o prefixo altera o significado e o sufixo determina a categoria

lexical da palavra nova, como em *incansavelmente*, como em *repatriar* (*re+pátria+ar*).

Para Kehdi (2003, p.10), a *derivação prefixal e sufixal* é um processo no qual se tem uma estrutura mais complexa com dois afixos, apresentando um prefixo e um sufixo. A diferenciação entre a *derivação prefixal e sufixal* e a *derivação parassintética* é que, na primeira, ao retirar um dos afixos da palavra, surgirá uma palavra existente na língua. Na segunda, há a exigência da estrutura o acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo.

Nota-se que as palavras com mais de um elemento são constituídas com diversos níveis de complexidade. Em cada processo derivacional, com exceção dos derivados parassintéticos, apenas intervêm, de cada vez, uma base derivacional e um afixo. Logo, quando palavras apresentam mais de um afixo derivacional, elas são resultado de vários processos derivacionais (Correia e Almeida, 2012, p.39). Ex.:

valor → *valorizar*

valorizar → *desvalorizar*

desvalorizar → *desvalorização*

Assim pode-se concluir que *desvalorização* deriva de *desvalorizar* que vem de *valorizar* que tem origem da palavra primitiva *valor*. Logo, pode-se dizer que *valor* é a base derivacional de *valorizar*. Por sua vez é a base de *desvalorizar*. Sendo a última a base de *desvalorização*.

Vale lembrar que a derivação prefixal causa discordância entre autores, os linguistas mais antigos como Câmara Jr. (1975, p. 213-234 *apud* ALVES, 2015 p. 17) classificam-na como composição, enquanto gramáticos, como Cunha e Cintra (2013, p. 97), como derivação. Um dos motivos para que essa discordância ocorra é que alguns prefixos têm seu uso autônomo, como se fossem preposições, como: *contra* e *entre*, mas nem todos prefixos tem essa autonomia, são formas presas que precisam de um radical para ter um sentido.

4.1.1. Derivação regressiva

A *derivação regressiva* é marcada pela criação de uma palavra nova com o apagamento de um elemento. É importante fazer a distinção entre a *derivação regressiva* e a *redução* ou *abreviação*, verificar a diferença entre processo de *derivação regressiva* que forma palavras e a retirada de sufixos de uma derivação

normal, que se aproximam das formas básicas e são chamados de derivantes. (Basílio, 2013, p. 37)

Na *derivação regressiva*, ao contrário das *derivações prefixal, sufixal e parassintética*, há a supressão de elementos na formação de uma nova palavra, ao invés de acréscimo. Para criar uma nova palavra precisa-se retirar uma parte da palavra derivante, como em: *amostrar* suprimimos o *-r* e criamos *amostra*, deixando de ser um verbo, tornando-se assim um substantivo. Segundo Basílio (1987, 38),

Em suma, temos um caso de derivação regressiva quando uma palavra é interpretada como sendo uma construção base + afixo e então o afixo é retirado para se formar uma outra palavra constituída apenas da suposta base.

Na *derivação regressiva* existe a mudança de classe da nova palavra, principalmente quando o verbo se torna um substantivo, chamamos de *derivação regressiva deverbal*, que é a mais produtiva, pelo fato da mesma acontecer com mais frequência (Basílio, 1987). Apresenta esse nome de *derivação regressiva deverbal*, pois a palavra deixa de ser um verbo para torna-se um substantivo, como em abalo (que vem de abalar).

O processo de formação de palavras a *abreviação* é um processo similar a *derivação regressiva*, pois também há retirada de partes da palavra derivante para formação de uma nova palavra, mas não podemos confundi-las, todavia, na abreviação não há mudança da classe gramatical da nova palavra como em: *extraordinário* que se torna *extra*, uma vez que tanto o derivante como a palavra derivada são adjetivos e também as duas formas podem coexistir.

Quando uma palavra muda de classe gramatical para uma outra classe a nominamos de *derivação imprópria ou conversão*, que segundo Basílio (1987, p. 60), seria o mais correto, neste processo não adição ou supressão de afixos, somente a conversão de uma palavra para outra classe gramatical. De acordo Basílio (1987, pp. 60-61),

Podemos ter conversões de adjetivo para substantivo (os pobres precisam de ajuda, o impossível acontece) e vice-versa (um vestido rosa);podemos também ter conversões de verbo para substantivo (o poder e o dever) e de adjetivo para advérbio(ele faltou alto).

Como apresentado pela a autora, os casos que mais aparecem de conversão são de adjetivo para substantivo, substantivo para adjetivo, verbo para substantivo e de adjetivo para advérbio, e entre eles sendo o mais comum o de adjetivo para

substantivo, de um lado, em que há compatibilidade das funções de caracterização e designação, e de outro, de adjetivo para advérbio, que há identidade de função e o que difere é o objeto a ser caracterizado.

4.1.2. Derivação parassintética

As *derivações parassintéticas* recebem o acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo à base para formar uma palavra. Ex.: *anoitecer*, com adição simultânea do prefixo *a-* e do sufixo *-cer* ao substantivo *noite*. (Basílio, 2013, p. 43)

Para identificar se uma construção é parassintética tira-se a um dos afixos da palavra, se o resultado for uma palavra que não existe na língua, estaremos diante de um caso de derivação parassintética.

A base para uma construção parassintética pode ser substantiva ou adjetiva. Se for um substantivo o resultado pode ser um adjetivo ou um verbo, sendo um adjetivo o produto será um verbo. (Rocha, 2008, p.166) Ex.

rico – enriquecer

chocolate – achocolatado

4.1.3. Derivação imprópria

Conforme apontado acima, a *derivação imprópria* também recebe o nome de *conversão*, e é caracterizada pela mudança de uma palavra de uma classe gramatical para outra. Os principais tipos de conversão são:

- de adjetivo para substantivo: (Os *trabalhadores* estão passando dificuldades);
- de verbo para substantivo: (O contínuo *cair* de chuvas inundou a cidade);
- de adjetivo para advérbio: (Roberto andou *rápido* para pegar o ônibus).

No caso da conversão de adjetivo para substantivo, uma palavra caracterizadora é usada como designadora. Ex:

- a) Quando estamos *cansados*, ficamos mais chatos.
- b) Os *cansados* são chatos.

Em(a), *cansados* foi usada como adjetivo. Em (b), a palavra passou a ter valor de substantivo. É um processo natural da conversão de adjetivo para substantivo, o que não aconteceria se o processo fosse ao contrário. (Basílio, 2013, p.62)

Já a conversão de verbo para substantivo resulta no uso do infinitivo sintaticamente substantivado.Ex: O *ter-se* declarado culpado acarretou em sua condenação.

Note que, no exemplo acima, apesar do verbo estar precedido por um artigo, a estrutura se mantém verbal e não passa para o plural. Mas em “O saber renova o homem, há possibilidade de pluralizar “os saberes”.

Não existe distinção de função entre a formação de um advérbio e a conversão ainda que haja mudança de tom expressivo. A forma adjetival apresenta uma noção mais direta e mais forte enquanto a forma com sufixo *-mente* é mais neutra e formal. (Basílio, 2013, p. 64)

4.2 Composição

A composição é a junção de uma base a outra para formar uma palavra nova. Por exemplo: *guarda-roupa*. Elas podem se formar a partir de bases presas, que dependem de outras para sua ocorrência. Por exemplo, a partir da base *agri-* pode-se formar *agricultura*. Segundo Basílio, é o tipo mais produtivo de composição na língua.(Basílio: 1987, p. 27).

Normalmente nestes processos de composição entre uma base presa e uma livre, o segundo elemento é o núcleo e o primeiro o especificador. Nas composições de base livre ocorre o contrário.

A composição é definida a partir da estrutura, cada uma das bases que formam esse processo tem um papel definido. Em compostos do tipo substantivo+substantivo, o primeiro funciona como núcleo da construção e o segundo como modificador ou especificador. Por exemplo: *couve-flor*.

Em casos de substantivo + adjetivo, o núcleo é representado pelo substantivo e o modificador pelo adjetivo, independente da ordem em que ocorrerem. Por exemplo: *caixa-alta*.Se a composição é formada de verbo + substantivo, o último tem analogicamente a mesma função de objeto direto do verbo. Por exemplo: *porta-bandeira*.

Para Basílio (1987, p.34), as composições costumam aparecer muito mais em nível coloquial, por causa de imprevisibilidade, e as derivações na língua formal, por sua maior estabilidade. Normalmente, as derivações exprimem categorias nocionais, com contraparte sintática ou não, de caráter fixo e de teor geral, enquanto as composições obedecem às combinações particulares.

A própria estruturação geral do processo de composição se relaciona com a natureza de sua função, que é, inteiramente diferente do da derivação: enquanto na derivação temos a expressão de noções comuns e gerais. A composição é um processo que vai permitir categorizações cada vez mais particulares. Com a utilização de estruturas sintáticas para fins lexicais, os processos de composição permitem a nomeação ou caracterização de seres pela junção de dois elementos semânticos, de existência independente no léxico, em apenas um elemento lexical. (Basílio, 2013, p.30)

Existem dois tipos de *composição*, (Kehdi, 2003) que são classificadas conforme a ligação mais ou menos particular da constituinte, que são a *justaposição* e a *aglutinação*. Na *justaposição* as bases unem-se, sem que nenhuma delas perca sua peculiaridade, como em *passatempo*. Já na aglutinação bases são unidas e fundem-se com um único acento, em que a primeira base pode perder acento tônico, vogais ou consoantes, como em *ambidestro* (ambos + destro).

4.3. Sigla ou siglagem

Para Kehdi (2003, p. 51), as siglas são mais um processo de formação de palavras. Elas são formadas por processos em que títulos longos são reduzidos a letras iniciais das palavras que os constitui. Ex: *IBGE* – Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. Tal processo proporciona facilidade e produz economia linguística para o usuário da língua.

Para Rocha (2008, p. 175) existem quatro tipos de siglas ou siglagem:

- **siglagem grafêmica** – são utilizados os grafemas iniciais das bases compostas. Exemplo: *PIS* (*Programa de Integração Social*).
- **Siglagem silábica** – utiliza as sílabas iniciais das bases. Exemplo: *FALE* (*Faculdade de Letras*).
- **Siglagem grafo silábica** – formada por grafemas e sílabas iniciais das bases. Exemplo: *CEMIG* (*Companhia Energética de Minas Gerais*).
- **Siglagem fortuita** – sua formação é variada, podendo ocorrer, fusão de

grafemas, inclusão de palavras completas ou de siglas em siglas, cortes aleatórios de sílabas ou palavras. Exemplo: *EMBRAFILME* (*Empresa Brasileira de Filmes*).

4.4. Hibridismo

Para Kehdi (2003, p. 50), o hibridismo se dá por palavras formadas por elementos oriundos de línguas diferentes, podendo ser uma palavra composta ou derivada, e os mais utilizados em língua portuguesa são os provenientes do grego juntamente com o latim como em: automóvel (grego e latim) e sociologia (latim e grego). Mas encontramos também outras formações como em: *panicoffe* (a mescla da palavra *panificadora* (português) e da palavra *coffe* (inglês)). Como já dissemos anteriormente, alguns gramáticos não aceitam palavras advindas de outras línguas, por isso condenam essas formações híbridas.

4.5 Reduplicação

Alves (2007, p.70) esclarece que o processo de reduplicação ocorre como repetição de uma mesma base duas ou mais vezes, criando um novo item léxico. Exemplo: *trança-trança*.

4.6 Truncamento

Alves (2007, p. 59) explica que o truncamento ocorre como um tipo de abreviação em que parte da sequência lexical. Geralmente, a parte final de um termo é retirada. Formas reduzidas de palavras também são classificadas como truncamento. Exemplo: *Euro* é a forma reduzida de europeu. Nesse encurtamento as palavras apresentam no máximo três sílabas. E é empregado na construção de onomatopeias, demonstrando conotação de carinho que encontramos em nomes de parentescos como mamãe para mãe e Paty para Patrícia. Outros exemplos de truncamento: *cerva* de cerveja, *facu* de faculdade e *vestiba* de vestibular.

4.7 Palavra-valise ou cruzamento vocabular

O cruzamento vocabular é a união de duas palavras para a formação de uma nova palavra, podendo ocorrer a eliminação ou sobreposição de elementos dessas palavras. Para Alves (2007, p. 69), as palavra-valise são um outro tipo de redução, em que duas bases se aglutinam e são privadas de parte de seus elementos, uma perde a parte final e a outra perde a parte inicial, constituindo um novo item léxico. Tal processo de formação de palavras também pode ser chamado de *cruzamento vocabular* ou *contaminação*. Exemplo: *Portunhol* a fusão entre as palavras *português* e *espanhol*.

Após apresentação dos principais processos de formação de palavras vamos para análise de palavras encontradas na rede social Facebook, para verificação se essas novas palavras estão de acordo com os processos de formação de palavras existentes na língua portuguesa.

5. Análise dos dados coletados no Facebook

O *corpus* analisado foi coletado no Facebook entre março de 2015 e março de 2017, sendo dividido em três categorias: (i) a *criação lexical* nessa rede social, as palavras que foram criadas à partir de sua existência, vocábulos que surgiram com a necessidade de nominar algum elemento que só existe nesta rede social; (ii) a *ressignificação lexical* no Facebook, palavras que ganharam novos significados na rede, antes eram utilizadas com outro sentido e com o uso virtual receberam nova definição; e (iii) a *difusão lexical* a partir da rede, vocábulos que são utilizados ali e que são propagados em páginas, postagens e compartilhamentos naquele ambiente, como os usuários ficam cada vez mais conectados a utilizam para propagação dessas novas palavras.

Após a análise individual de cada palavra foi feita a verificações da produtividade das mesmas, em que se observou os quantitativos dos processos de formações e se chegou ao grau de capacidade produtiva de cada processo dentro deste corpus. Será analisado também quais foram as classes gramaticais mais produtivas em cada item e para finalizar verificamos se todos os processos de formação de palavras estão de acordo com os processos da língua portuguesa.

As análises foram divididas da seguinte forma: a) criação lexical nas redes sociais, em cada palavra verificamos qual processo de formação foi utilizado, se houve alteração da classe gramatical e assim como o significado de cada nova palavra; b) ressignificação do léxico nas redes sociais, neste item comparamos o significado de cada palavra na rede social, conforme glossário da referida, com a definição dois dicionários de dois dicionários online, *Houaiss* (2012) e *Michaelis*(2017),e c) difusão de novas palavras por meio da rede social, neste item identificaremos em cada nova palavra qual processo de formação foi empregado, seu novo significado e se ocorreu mudança de classe gramatical.

(i).Criação lexical nas redes sociais

Como apresentado anteriormente, os falantes criam novas palavras utilizando material já existente. As estruturas desses vocábulos e os processos mais recorrentes

na criação lexical são a derivação e a composição. Nesses processos acrescentam afixos, retiram radicais e combinam as bases.

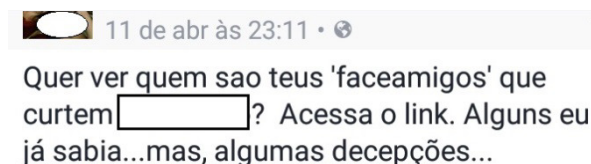
Abaixo seguem palavras que foram criadas pelo uso e necessidade no Facebook. Para isso analisamos se essas novas palavras são formadas de acordo com os processos existentes na língua portuguesa, conforme visto no capítulo 4 desta dissertação. Seleccionamos 11 (onze) palavras que foram analisadas identificando qual processo foi utilizado na criação dessa nova palavra.

1- Amiversários



A palavra *amiversário* é um **cruzamento vocabular**, pois há a junção de dois substantivos *amigo*+ *aniversário*, neste caso temos perda de elementos em ambas as bases no momento em que se aglutinam, sendo que a primeira base perde seus dois últimos grafemas (*go*) e a segunda perde os seus três primeiros (*ani*). Este processo forma um novo substantivo, mantendo assim as classes gramaticais das palavras bases, mas alterando seu sentido, visto que esta palavra é utilizada na rede social quando se comemora anos de amizades entre seus usuários na referida rede.

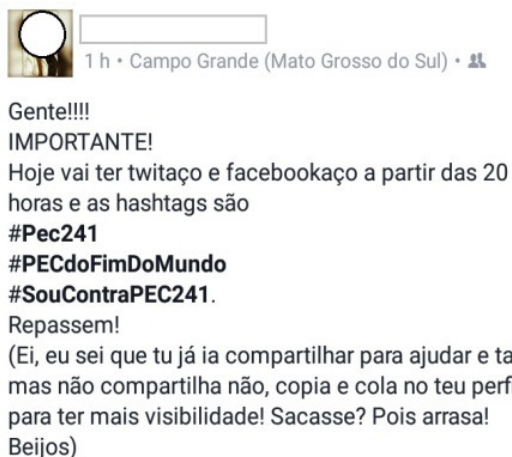
2- Faceamigos



A palavra *faceamigos* é formada por duas palavras: *face* (de facebook) + *amigos*, neste caso *facebook* perde suas vogais e consoantes finais, já *amigo* mantém todas as suas vogais e consoantes, ocorrendo assim uma **composição por aglutinação**, já que na composição por aglutinação bases são unidas e fundem-se com um único acento, em que a primeira base pode perder acento tônico, vogais ou

consoantes. *Faceamigos* significa amigos do facebook do usuário, no caso o usuário não concorda quem seus amigos estão seguindo na referida rede.

3- Facebookaço e twitaço

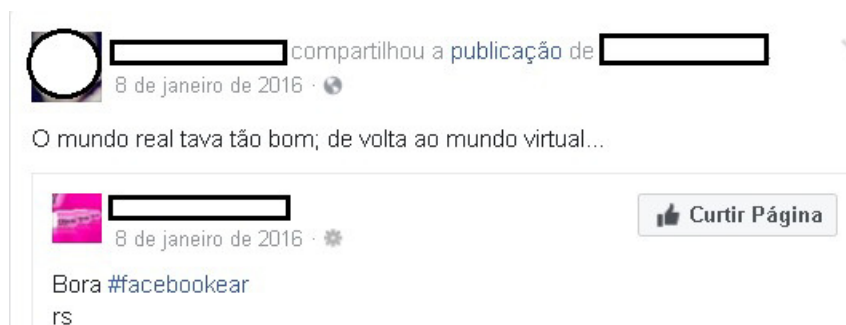


O substantivo *facebookaço* foi formado pelo substantivo *facebook* + o sufixo *-aço*, que indica o grau aumentativo, conforme Cunha e Cintra (2013, p.102), é uma **derivação sufixal**. O mesmo ocorre com o também substantivo *twitaço*, que foi formado pelo substantivo *twiter* + o sufixo *-aço*, sendo assim essas duas criações lexicais são uma **derivação sufixal**, na qual há a adição de sufixo após ao radical. Neste caso não ocorreu a mudança de classe gramatical as novas palavras continuaram a ser substantivos

Nesse caso, o sufixo *-aço*, indica um elevado número de *tuítes* no *twiter* e de compartilhamentos no Facebook acompanhados pelo símbolo # (*hashtag*), que são usadas para hierarquizar os assuntos publicados nas redes sociais, produzindo assim uma interação dinâmica do assunto com os outros usuários que tenham os mesmos interesses, conteúdo este que ficará disponível para qualquer pessoa que acesse a mesma *hashtag*.

A intenção da publicação antes ilustrada, na qual aparecem as palavras *facebookaço* e *twitaço* é que haja uma intensa participação de pessoas que são contra a PEC 241 (é uma proposta de emenda à Constituição 241, que pretende congelar gastos em saúde e educação por 20 anos).

4- Facebookear



Facebookear é junção da palavra *Facebook* + o sufixo verbal (de ação durativa freqüentativa) *-ear*, neste caso a palavra deixa de ser um substantivo para tornasse um verbo, havendo mudança de classe gramatical, ocorrendo assim uma **derivação sufixal**, já que aconteceu a união de uma base *facebook*+ o sufixo *-ear*, ficando assim verbalizado na 1ª conjugação. E neste contexto *facebookear* quer dizer utilizar a rede social, postar, compartilhar e curtir publicações.

5- Facebooker

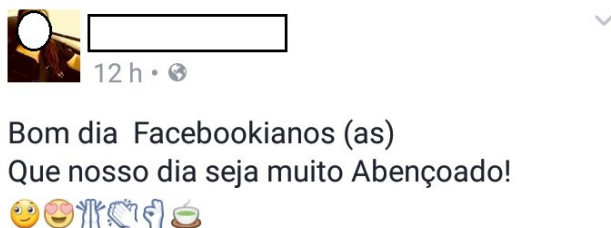


O substantivo *facebooker* é um **estrangeirismo**. Apesar de termos a presença de um sufixo, não podemos denominar este processo como derivação sufixal, pois o sufixo presente neste processo não pertence ao nosso léxico. Os elementos formadores desta nova palavra são de origem inglesa. Neste caso ocorre a adição do sufixo *-er* ao substantivo *Facebook*, e não há a modificação de classe gramatical, haja visto que a nova palavra continua sendo um substantivo, mas dá continuidade na significação semântica, pois *facebooker* é a pessoa que utiliza da rede social como uma profissão.

Tal palavra não está de acordo com os processos de formação de palavra da língua portuguesa, pois não existe o sufixo *-er* (no sentido de agente, mas sim como o sufixo verbal da 2ª conjugação), por outro lado ele é encontrado na língua inglesa, de acordo com WordReference (2017), quando o adicionamos a um verbo o

transformamos em um substantivo, como em *sing (cantar) + -er*. Em português, formamos *cantor(a)*, aquilo ou alguém que faz alguma coisa, seria referente aos nomes de agentes do português, tal sufixo é chamado de *agentivo*.

6- Facebookianos



A nova palavra *Facebookianos*, tem origem do nome da rede social Facebook e significa as pessoas que utilizam a rede, ou seja “os amigos” que o usuário tem na rede, na figura acima observamos que o usuário está cumprimentando seus amigos e desejando um bom dia, no caso não houve a mudança de classe, pois a palavra é um substantivo e continuou a ser, esta formação se caracteriza pela base *Facebook + i* (o correto seria com “e”, formando assim *facebokeanos*, no entanto ocorre uma epêntese na fala, sendo substituído pelo “i”,+ o sufixo *-ano*, que em língua portuguesa indica origem de onde a pessoa vem ou é, em conformidade com Cunha e Cintra (2013, p. 113), neste contexto informa que são as pessoas que usam sistematicamente o Facebook. A palavra facebook já consta dicionarizada em Michaelis (2017), assim é um termo já pertencente ao no léxico, desta maneira a formação em análise trata-se de uma **derivação sufixal**.

7- Faceversário



A palavra *faceversário* é um **cruzamento vocabular**, já que ocorreu a ligação de dois substantivos *facebook + aniversário*, e neste processo de formação as duas

palavras bases perderam vogais e consoantes, sendo que a primeira base perdeu seus quatro últimos grafemas e a segunda perdeu seus três primeiros, a classe gramatical da palavra nova se manteve em relação a suas bases formadoras, mas houve alteração de sentido, visto que esta palavra é utilizada na rede social quando comemora-se anos de usuário do Facebook, como se fosse o nascimento do usuário na rede social, uma vez que conta a quantidade de anos que a pessoa iniciou sua entrada na rede.

8- Inbox



Inbox é um **estrangueirismo** advindo da língua inglesa, formado pela preposição *in* (na) + o substantivo *box* (caixa), tornando assim um substantivo, que os usuários da rede podem enviar mensagens para outros usuários, as mensagens podem ser enviadas para uma pessoa em específico, são mensagens privadas, e também pode-se criar grupos particulares, que é uma forma de seus membros terem privacidade, sendo assim somente pessoas que estiverem nesses grupos recebam essas mensagens, essa caixa de mensagem é parecida com janelas utilizadas em bate-papos. A janela que é aberta é similar a uma caixa, de onde vem a palavra *box* da língua inglesa.

9- Roubartilhar



Na formação do verbo *roubartilhar* temos uma **composição por aglutinação**, dado que se verifica a união dos verbos *roubar*+ *compartilhar*, no caso há supressão dos seis primeiros grafemas do verbo *compartilhar*, apresentando na nova palavra somente o fragmento *-tilhar*, e não havendo alteração da classe gramatical, pois a palavra criada continua sendo um verbo. No entanto, ocorre a modificação do sentido do verbo, *roubartilhar* é utilizado no sentido de quando alguém compartilha a publicação do outro, o usuário está roubando a publicação de seu amigo da rede social.

O verbo compartilhar com o uso do Facebook, recebeu um novo significado, ele sofreu um processo de ressignificação, nos dicionários consultados encontramos como partilhar, dividir algo com alguém, já na rede ele é uma ferramenta que os usuários utilizam para postar publicações que os interessam, de outros usuários ou de páginas, ocorrendo assim, quando alguém se interessa por algum post e roubartilha postagens de outros.

10- Selfiar e selfiando



As palavras *selfiar* e *selfiando* têm origens na palavra *selfie*, que é um empréstimo linguístico da língua inglesa, significando fotografia que a pessoa tira de si mesma, geralmente com um celular, e publica nas redes sociais, conforme o dicionário online Michaelis. *Selfie* é um substantivo que deu origem ao verbo *selfiarem* que a base recebe o sufixo flexional *-ar* que indica verbo da primeira conjugação no infinitivo, que, por sua vez, originou *selfiando*, com adição do sufixo *-ndo*, formando assim o gerúndio, nestes casos ocorreram **hibridismo**, já que em suas formações foram usadas bases da língua inglesa e da língua portuguesa. Aconteceu também a modificação de classes de palavras, pois deixaram de ser substantivo para tornarem-se verbos.

11- Stalkear e stalkeando



Agora lascou de vez 😁

#stalkear enqto é tempo..



Não conta pra ninguém, mas o Facebook me notifica toda postagem sua.

#stalkeando

As palavras *stalkear* e *stalkeando* têm origens na palavra *stalk*, que é um estrangeirismo da língua inglesa, significando perseguir, que deu origem ao verbo *stalkear*, que, por sua vez, originou *stalkeando*, com adição do sufixo *-ndo*, formando assim o gerúndio, nestes casos ocorreram o **hibridismo**, já que são formadas por estrutura de duas línguas diferentes, base do inglês *stalk* e sufixo do português *-ar* e *-ndo*, e aconteceu também a modificação de classes de palavras, pois deixaram de ser substantivo para tornarem-se verbos. E na rede social o verbo ganhou o significado de sondar alguém no Facebook, acessar o perfil de outros usuários para ver suas publicações e postagens, sem que alvo pesquisado saiba.

(ii). Ressignificação do léxico nas redes sociais

A resignificação das palavras ocorre quando elas ganham novos significados, o que é chamado de neologismo semântico, pois são dados novos sentidos às palavras já existentes na língua portuguesa, sem a necessidade de adição ou supressão de radicais. Sendo assim, tem-se uma nova unidade neológica, mesmo que não seja uma criação inédita, pois é uma palavra que já faz parte do léxico da língua, ganhando um novo significado para atender às necessidades dos falantes.

Quando falamos em atribuir um novo significado às palavras, chegamos à resignificação de palavras. Sobre o significado, Barbosa (1981, p.244) diz que dentre os elementos linguísticos, “o significado é o que está mais sujeito a mudanças”, já que

pode apresentar um significado totalmente diferente do que apresentava originalmente.

A ressignificação não ameaça o significado original das palavras, sua função é a polissemia, vários significados, o que irá determinar o desuso de um sentido ou os múltiplos sentidos é sua utilização por parte dos falantes, sustentando o aspecto social como um dos determinantes dos fenômenos linguísticos.

As palavras a seguir, ganharam novos significados com a utilização da rede social Facebook, vocábulos esses que tiveram sua definição alterada e que será apresentada da seguinte forma: palavra, seu significado dicionarizado e sua ressignificação.

1- Amigo

PALAVRAS	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Houaiss, 2012)	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Michaellis, 2017)	RESSIGNIFICAÇÃO
Amigo	1. que ama, que demonstra afeto, amizade, interesse particular; afeiçoado 2. em que há amizade, benevolência; 3. cuja expectativa é favorável; benigno, propício	1. Que demonstra afeto ou amizade; afeiçoado, afetuoso; 2. Em que se manifesta amizade ou afeto; amical, cordial; 3. Que gera boas expectativas; que dá sinal de algo bom; favorável, propício.	Amigos são pessoas com as quais você se conecta e compartilha no Facebook.

Na palavra *amigo*, notamos a diferença entre os significados dos dicionários formais, que enfatizam a relação entre os indivíduos de amizade, amor fraternal, laços de amizade que foram construídos no mundo real, e a ressignificação, focaliza a forma de interação virtual, pessoas com as quais você divide suas publicações na rede social. Neste caso não é necessário que se as tenha conhecido presencialmente.

2- Administrador

PALAVRAS	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Houaiss, 2012)	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Michaellis, 2017)	RESSIGNIFICAÇÃO
Administrador	1. que ou o que administra, gerencia; administrante; 1.1 que ou o que é síndico (de prédio); 2. Diz-se de ou preposto de um proprietário na direção de Empresa; 3. que ou aquele que, ocu-	1. O que tem a seu cargo a administração pública, total ou parcial; 2. O que dirige ou superintende estabelecimento público ou particular; 3. Preposto do proprietário na direção de fazenda ou sítio.	Os administradores criam e gerenciam as atividades nos grupos e nas Páginas.

	pando este posto, dirige, chefia, supervisiona um estabelecimento; diretor, gerente.		
--	--	--	--

No segundo vocábulo, *administrador*, os significados que aparecem nos dicionários referem-se a gerenciar empresas, fazendas, prédios, pessoa responsável por direcionar e chefiar um estabelecimento comercial; já na ressignificação o novo sentido é de gerenciar as publicações em grupos ou páginas, a administração é do que será postado e compartilhados nesses espaços virtuais.

3. Bate-papo

PALAVRAS	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Houaiss, 2012)	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Michaellis, 2017)	RESSIGNIFICAÇÃO
Bate-papo	1. conversa informal, animada e despreziosa; papo; 2. conversa, diálogo.	1. Conversa animada, simples e informal; cavaco, cavaqueira, lero, papo.	O Bate-papo é um recurso que permite enviar mensagens instantâneas para os seus amigos.

Embate-papo, as definições que constam nos dicionários referem-se ao próprio ato de comunicação, a conversa informal, na ressignificação, o termo refere-se ao recurso de comunicação utilizado na rede social, ou seja, a própria ferramenta utilizada para que a comunicação aconteça entre os usuários da rede.

4. Bloquear

PALAVRAS	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Houaiss, 2012)	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Michaellis, 2017)	RESSIGNIFICAÇÃO
Bloquear	1. estabelecer cerco marítimo e/ou terrestre, com forças militares, sobre (uma base, área ou região), de modo a dificultar ou impedir as comunicações (entrada ou saída de víveres, meios, forças, pessoas etc.) com o exterior, sitiar; cercar; 2. obstruir a passagem ou o trânsito; 3. causar dificuldades a; obstruir; impedir.	1. Aplicar bloqueio a (porto, cidade, país etc.); sitiar; 2. Fechar passagem ou trânsito por meio de obstrução; 3. Impedir o movimento de; imobilizar; travar.	Você pode bloquear alguém para desfazer a amizade e limitar as formas possíveis de entrar em contato com você no Facebook. Bloquear ajuda a impedir que uma pessoa lhe incomode no Facebook.

A palavra *bloquear* nos dois dicionários apresenta o sentido de impedir passagem, dificultando o acesso, proibindo o trânsito, já na construção do novo

sentido, refere-se ao ato de bloquear algum usuário, para que ele não tenha acesso as publicações e também não entre em contato com a pessoa que o bloqueou, geralmente por não querer mais amizade desse usuário, o significado dicionarizado denota uma ideia de bloqueio físico e já na ressignificação propõe um impedimento virtual ou de acesso a um usuário.

5. Compartilhar

PALAVRAS	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Houaiss, 2012)	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Michaellis, 2017)	RESSIGNIFICAÇÃO
Compartilhar	1. ter ou tomar parte em; arcar juntamente; 2. compartilhar com, partilhar com.	1. Ter ou tomar parte em; 2. Partilhar com.	Publicar na sua linha do tempo frases, fotos, vídeos e notícias.

No vocábulo *compartilhar*, suas significações dos dicionários consultados referem-se ao ato de partilhar com alguém aquilo que você tem, dividir com outrem, seja objetos ou responsabilidades, já na rede o verbo compartilhar significa as próprias publicações feitas na linha do tempo, seja com vídeos, frases, imagens e notícias, sendo assim uma postagem que o usuário faz na rede social, compartilhando com os outros usuários seus pensamentos, suas fotos e novidades.

6. Curtir

PALAVRAS	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Houaiss, 2012)	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Michaellis, 2017)	RESSIGNIFICAÇÃO
Curtir	1. colocar (couro, pele) de molho em líquido preparado para amaciá-lo e deter a sua decomposição orgânica; 2. conservar (comida) em molho apropriado, esp. álcool, salmoura, vinagre, azeite; 3. deixar (bebida alcoólica) em local apropriado antes de consumi-la.	1. Tornar imputrescível e mais brando (o couro, principalmente); tanar; 2. Preparar alimento, colocando-o, por um certo tempo, dentro de líquido apropriado, com álcool, azeite, vinagre etc; 3. Conservar em salmoura.	Quando um usuário curte alguma publicação de amigos ou empresas, significa que gostou do conteúdo da publicação.

Em *curtir*, ocorreu também a ressignificação, já que na consulta aos dicionários selecionados, traz as definições de manter alimentos, couro e/ou pele de molho para conservá-los por mais tempo, e na rede social curtir é quando algum usuário gosta da postagem de amigos ou empresas, utilizando assim o botão curtir na

publicação, que tem o formato do dedo polegar levantado, quanto mais curtidas uma publicação tiver mais popular será.

7. Evento

PALAVRAS	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Houaiss, 2012)	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Michaellis, 2017)	RESSIGNIFICAÇÃO
Evento	1. acontecimento; 2. acontecimento (festa, espetáculo, comemoração, solenidade etc.) organizado por especialistas, com objetivos institucionais, comunitários ou promocionais; 3. Eventualidade.	1. Algo que acontece e que se pode observar; 2. Acontecimento (festa, competição esportiva, espetáculo) planejado com lugar e hora determinados, que geralmente atrai grande público e cobertura da mídia. 3. Eventualidade.	Eventos é a denominação de um recurso que permite organizar reuniões, responder a convites e manter-se a par do que os seus amigos estão fazendo.

O termo *evento* na dicionarização expressa o acontecimento em si, a realização do evento, e também significa eventualidade algo que acontece esporadicamente, já na mudança de significado, o sentido alude ao nome da ferramenta que permite o ato de organizar o compromisso, convidando seus amigos para participar de reuniões e festas, ficando assim sabendo o que os outros usuários estão fazendo e/ou participando.

8. Grupos

PALAVRAS	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Houaiss, 2012)	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Michaellis, 2017)	RESSIGNIFICAÇÃO
Grupos	1. conjunto de pessoas ou coisas dispostas proxima-mente e formando um todo, reunião de várias pessoas; 2 conjunto de pessoas ou coisas que têm características traços, objetivos, interesses comuns.	1. Conjunto de pessoas ou coisas que formam um todo; 2. Agrupamento de diversas pessoas; 3. Conjunto de seres ou coisas previamente estabelecidos e para fins específicos.	Grupos são espaços particulares onde você pode manter contato com outras pessoas compartilhando atualizações, fotos ou documentos.

Com relação ao termo *grupos*, verifica-se que nos dicionários referem-se ao grupo de pessoas, que estão próximas, e também criaturas e coisas que tem algo ou interesses comuns, e no glossário, ao espaço online, onde essas pessoas mantem contato e publicam frases, imagens e documentos. Geralmente participam pessoas que tem interesses em comum, esses grupos podem ser abertos ou fechados para o

público, os fechados só podem participar pessoas convidadas ou aceitas pelo administrador do grupo, já em abertos qualquer usuário pode participar.

9. Marcações

PALAVRAS	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Houaiss, 2012)	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Michaellis, 2017)	RESSIGNIFICAÇÃO
Marcações	1. ato ou efeito de marcar; 2. assédio que visa dificultar ou impedir as jogadas do adversário; 3. anotação feita em texto ou ilustração que se destina à composição, com especificações de tipo, corpo, medidas, etc.	1. Ato ou efeito de marcar; 2. Movimentação durante uma partida tendo como objetivo impedir ou tornar mais difícil a jogada do adversário; 3. Anotação feita à margem de texto ou de ilustração com correções e detalhamento de tipo e corpo gráficos necessários à composição.	Uma marcação vincula uma pessoa, Página ou local a um item que você publica, como uma atualização de status ou uma foto. Por exemplo, você pode marcar uma foto para mostrar quem está nela ou publicar uma atualização de status e dizer quem está com você.

Em *marcações*, os significados dicionarizados se relacionam com o ato de demarcar um espaço, de impedir jogadas de adversários e de notas realizadas em textos, e quando ganha um novo significado relaciona-se a uma ligação entre quem publica e quem é marcado, o usuário posta uma foto com seus amigos e os vincula em sua publicação, quando um usuário é marcado em uma postagem, ele receber uma notificação da rede social.

10. Página

PALAVRAS	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Houaiss, 2012)	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Michaellis, 2017)	RESSIGNIFICAÇÃO
Páginas	1. cada um dos lados das folhas de cadernos, cartas, livros ou outras publicações; 2. texto de cada um desses lados; 3. conjunto de informações (texto, gráficos e informações em multimídia) contidas num único arquivo em hipertexto ou por ele referenciadas, capazes de serem exibidas no vídeo de um computador por um programa tipo navegador.	1. Cada lado de uma folha de livro, caderno ou outras publicações; 2. O texto que está escrito ou impresso em cada um desses lados; 3. Conjunto de informações com textos e imagens ligados por links, que podem ser exibidas na tela de um computador; o conjunto de páginas representando uma pessoa, empresa ou instituição dará origem a um site.	Páginas servem para empresas, marcas, organizações e figuras públicas compartilharem suas histórias e se conectarem com as pessoas. Assim como os perfis, as Páginas podem ser personalizadas com histórias, eventos e mais. As pessoas que curtirem uma Página poderão receber atualizações em seus Feeds de Notícias.

O vocábulo *página* nos dicionários online nos apresentam como um lado de uma folha de livros e cadernos, e ainda é mostrado como um conjunto de textos, imagens, sons e vídeos apresentado em apenas um arquivo ou em links mostrada em telas de computador, podendo representar pessoas ou empresas. E na ressignificação do Facebook é o espaço na rede onde marcas, organizações, pessoas públicas e empresas compartilham suas histórias, as personalizando, criando eventos, divulgando assim suas marcas e produtos e os usuários que curtirem esta página receberão as atualizações publicadas na mesma em seus *feeds* de notícias.

11. Popular

PALAVRAS	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Houaiss, 2012)	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Michaellis, 2017)	RESSIGNIFICAÇÃO
Populares	1. relativo ou pertencente ao povo, esp. à gente comum; 2. feito por pessoas simples, sem muita instrução; 3. relativo às pessoas como um todo, esp. aos cidadãos que compõem o povo de um país, estado, cidade etc.	1. Relativo ou pertencente ao povo; próprio do povo, vulgar; 2. Que é comum, usual entre o povo; 3. Adaptado à compreensão ou ao gosto das massas.	Populares mostra uma lista de tópicos e hashtags que tenham um alto índice de visitas recentes no Facebook.

A palavra *popular* aparece definida, nos dicionários consultados, como o que pertence ao povo, algo comum a todos, vulgar, e na rede social ganha o significado dos tópicos e *hashtags* mais utilizados, ou seja, assuntos mais comentados e compartilhados pelos usuários da referida rede.

12. Rede

PALAVRAS	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Houaiss, 2012)	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Michaellis, 2017)	RESSIGNIFICAÇÃO
14. Redes	1. entrelaçado de fios (de linho, algodão, fibras artificiais ou sintéticas), cordões, arames etc., formando uma espécie de tecido de malha aberto, composto em losangos ou em quadrados de diversos tamanhos; 2. qualquer coisa feita com esse tecido; 3. grupo de pessoas que trabalham juntas, ger. em ações clandestinas, mas não se conhecem edificilmente man-	1. Entrelaçamento de fios, cordões, arames etc., formando uma espécie de tecido de malha com espaçamentos regulares, em quadrados ou losangos, relativamente apertados, que se destina a diferentes usos; 2. Qualquer objeto feito desse trabalho de malha; 3. Conjunto de meios de comunicação ou de informação (telefone, rádio, televisão) que, por sua	Redes são afiliações com escolas ou locais de trabalho no Facebook.

	têm contato umas com as outras, reportando-se apenas a um comando central; 4. internet.	estrutura, se assemelha a uma rede; 4. Sistema interligado de computadores, para comunicação e troca de dados.	
--	--	---	--

Os dicionários online trazem a significação da palavra *rede* como emaranhado de cordões e fios, conjunto de meios de comunicação, grupos de pessoas e também como um sistema integrado de computadores. Na rede social traz o sentido de afiliações, com pessoas e variados grupos como de afinidades, de trabalho, de escola, entre outros.

13. Seguir

PALAVRAS	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Houaiss, 2012)	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Michaelis, 2017)	RESSIGNIFICAÇÃO
Seguir	1. ir atrás ou na companhia de, marchar ou caminhar após; acompanhar; 2. marchar ou caminhar tão depressa como; acompanhar; 3. ir, correr na pista ou no encalço de; perseguir.	1. Ir ou vir junto ou atrás de; acompanhar; 2. Acompanhar em grupo, com a finalidade de proteger; escoltar; 3. Deixar-se guiar por.	Seguir é uma maneira de obter novidades das pessoas pelas quais você se interessa, mesmo que não sejam suas amigas. O botão Seguir também é uma maneira de refinar seu Feed de notícias para obter os tipos de atualizações que você deseja ver.

O vocábulo *seguir*, consta nos dicionários como acompanhar alguém ou algo, escoltar, e também perseguir, e na renovação lexical, indica uma forma de uma pessoa manter-se atualizada quanto as novidades de seus amigos, e ainda para que o usuário selecione o que aparece em sua linha do tempo, quando deixa de seguir alguém as atualizações e publicações dessa pessoa não aparecem na sua linha de tempo.

14. Status

PALAVRAS	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Houaiss, 2012)	SIGNIFICADO DICIONARIZADO (Michaelis, 2017)	RESSIGNIFICAÇÃO
Status	1. condição (de alguém ou de algo) aos olhos do grupo humano em que vive; 2. condição de alguém aos olhos da lei; 3. posição favorável na sociedade; consideração, pres-	1. Condição ou circunstância de algo ou de alguém em determinado momento; 2. Prestígio social; 3. Situação ou condição alcançada por alguém em relação ao meio em que vive.	Status é uma frase ou texto onde uma pessoa descreve a sua situação, como está se sentindo, ou aquilo em que está pensando. Pode ser um texto com humor ou

	tígio, renome.		dramático, porque depende do estado emocional do utilizador.
--	----------------	--	--

Status aparece nos dois dicionários como condição de algo ou alguém diante da sociedade, e como situação de prestígio no meio em que vive. No Facebook, status é a descrição que a pessoa faz, em forma de texto ou frase, sobre como está sentindo-se ou no que está pensando, toda vez que um usuário acessa o seu Facebook, aparece a pergunta “No que você está pensando”, este seria o seu status na rede social.

(iii). Difusão de palavras por meio das redes sociais

Sabemos que sociedade e linguagem estão associadas culturalmente, uma influencia a outra de modo que, de acordo com as necessidades de cada povo, criam-se novas formas de comunicação e interação. Sendo assim, a tecnologia e a internet ocasionaram transformações culturais e sociais, e principalmente na língua de uma comunidade.

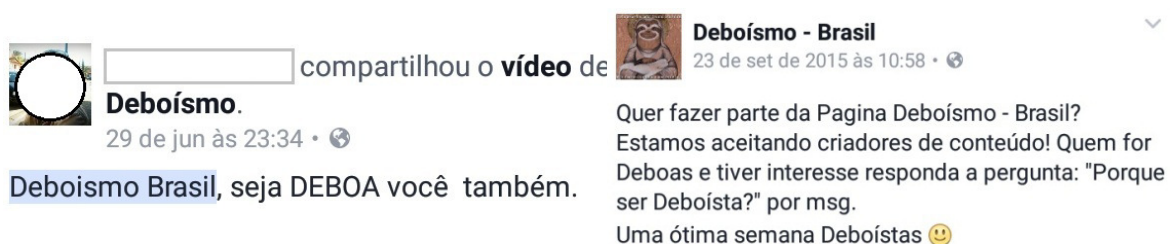
Na internet, por esta estar ao alcance da grande maioria da população e também por ser um ambiente mais informal, as pessoas criam novas palavras, em estruturas já existentes da língua portuguesa e as difundem de forma rápida e instantânea. Criações essas que se manifestam de diversas formas, produzindo assim formas e significados inéditos; e uma das formas para que essas novas palavras sejam divulgadas são os memes que, segundo o dicionário Houaiss (2012), “é a informação visual ou textual que se espalha PE larede”. Com acesso facilitado pelo uso de *smartphones*, as pessoas passam muito tempo conectadas às redes sociais lendo, compartilhando, comentando e publicando sobre sua vida, opinião e pensamentos; com isso novas palavras são criadas e difundidas nesse ambiente. A seguir analisamos se as formações destas palavras estão de acordo com os processos da língua portuguesa, por mais que esses vocábulos não tenham sido criados pela necessidade de utilização da rede, são difundidos por meio deste ambiente virtual, razão esta, foram os escolhidos.



1- Crush



Em *crush*, há a ressignificação, além do vocábulo ser um **estrangeirismo** da língua inglesa, que tem o sentido de apaixonar-se, já quando utilizado na imagem acima traz o sentido de um paquera, de um namorado, neste caso o vocábulo deixa de ser um verbo para tornar-se um substantivo. Em inglês, é comum verbo e substantivo terem formas idênticas.

2- Deboa / Deboísmo / Deboísta



  compartilhou o vídeo de  **Deboísmo - Brasil**
23 de set de 2015 às 10:58 · 🌐

Deboísmo.
29 de jun às 23:34 · 🌐

Deboísmo Brasil, seja DEBOA você também.

Quer fazer parte da Pagina Deboísmo - Brasil?
Estamos aceitando criadores de conteúdo! Quem for Deboas e tiver interesse responda a pergunta: "Porque ser Deboísta?" por msg.
Uma ótima semana Deboístas 😊

Em 2, temos três novas palavras que estão sendo difundidas pela rede social pesquisada, *deboa*, *deboísmo* e *deboísta*, que foram coletadas de uma página do facebook Deboísmo, que traz como definição que “Deboísmo é a página mais de boas da internet. Amor, bondade e empatia e o mundo será melhor!”

A primeira palavra *deboa* é a junção da preposição *de*+ o adjetivo *boa*, que se encaixa na **composição por justaposição**, pois há a união de duas bases sem ocorrência de alteração fonética, formando assim um adjetivo. Já em *deboísmo* acontece a **derivação sufixal** com a adição do sufixo *-ísmo* em *deboa*, este sufixo denota conforme Cunha e Cintra (2013, p. 111) doutrinas ou sistemas, observamos também a supressão da vogal *a*, em tal caso, ocorre a mudança gramatical e o adjetivo transforma-se em um substantivo.

E em *deboísta* também ocorre **derivação sufixal** com a junção do sufixo *-ista* ao adjetivo *deboa*, o referido sufixo apresenta a noção de adepto a uma doutrina, neste caso não acontece a mudança da classe gramatical, que permanece sendo um substantivo, que seria quem segue a doutrina do deboísmo.

3- Descurtir



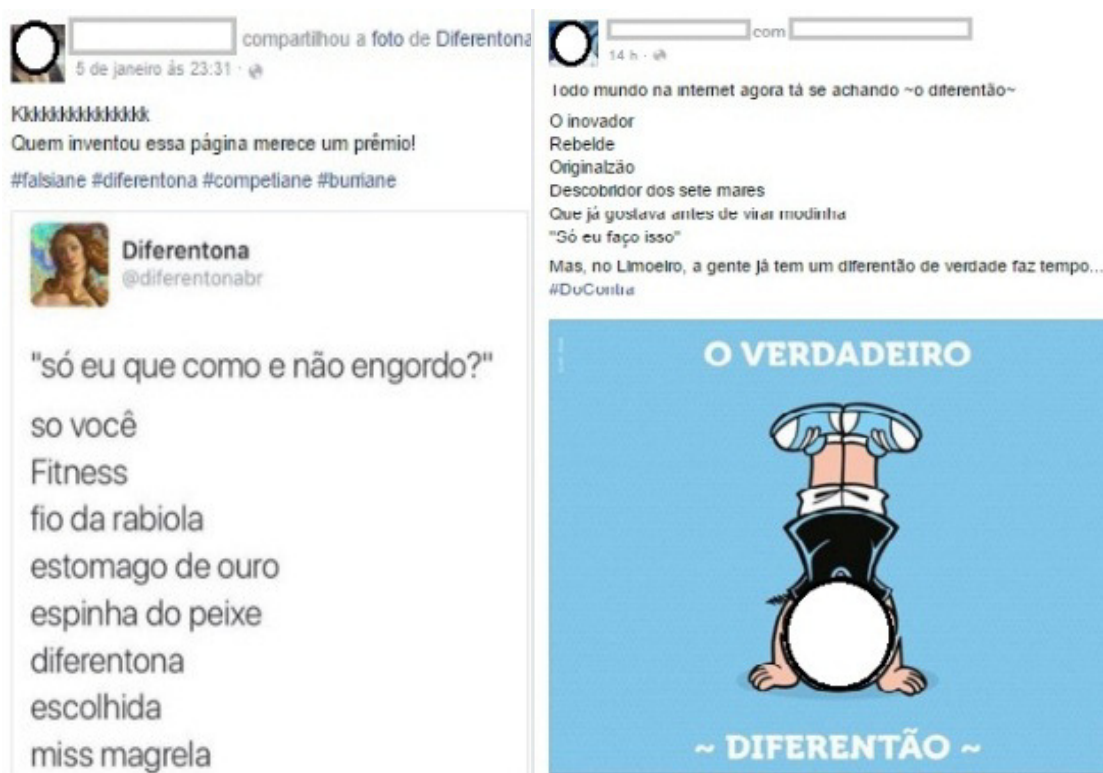
Descurtir é uma **derivação prefixal**, na qual foi acrescentado o prefixo *des-* na raiz *curtir*. Em tal caso não aconteceu a mudança de classe. A palavra manteve sua classe gramatical original de verbo. O prefixo *des-*, consoante Cunha e Cintra (2013, p.99), acrescenta uma ação contrária ao significado da palavra raiz, deste modo, na rede social existe o botão curtir, que é representado pela imagem 1, que é utilizado pelos usuários quando gostam de alguma publicação ou postagem na rede, e neste caso como o prefixo *des-* indica negação, quer dizer que a criança não gostou de tirar fotos. Inicialmente pensamos como ressignificação, mas ao ver os dicionários a sua significação foi totalmente modificada, sendo assim uma outra palavra, embora a forma seja a mesma.

Imagem 3 – Botão curtir do Facebook



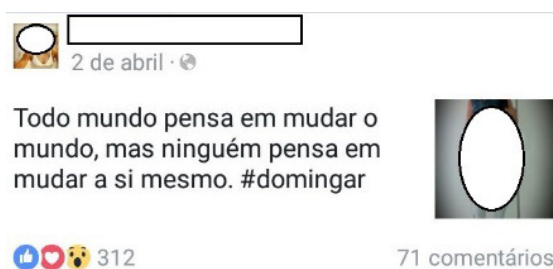
Fonte: www.facebook.com.br

4- Diferentona / Diferentão



Em *diferentão* e *diferentona* temos uma **derivação sufixal**. Na primeira palavra, há a adição do sufixo aumentativo *-ão* à palavra *diferente*, e na segunda também acontece a junção de *diferente*+ o sufixo aumentativo *-ona*, que é o feminino de *diferentão*, como em (solteirão – solteirona), pois há diferença entre o masculino e feminino nesses adjetivos no emprego do aumentativo. E em nenhum dos casos há mudança de classe; os dois permanecem como adjetivos. *Diferentão* e *diferentona* no Facebook tem o sentido de ser diferente em relação as outras pessoas em todos os assuntos, são pessoas que geralmente convencidas que se acham exclusivas.

5- Domingar



A criação lexical *domingar* é estruturada pelo substantivo *domingo* + o sufixo verbal *-ar*, o processo caracteriza-se como uma **derivação sufixal**. Neste caso,

acontece a mudança da classe gramatical, deixando de ser um substantivo para tornar-se um verbo. Nesta postagem *domingar* significa aproveitar o domingo, dia de descanso para a maioria dos trabalhadores.

6- Falsiane e obesiane



Falsiane

2 h • 🌐

aonde vamos parar...



Obesiane compartilhou o vídeo de **Balãozinhos**.

30 de ago às 21:13 • 🌐

Eu to solteiro de novo 😂😂😂😂🔒

As palavras *falsiane* e *obesiane* foram retiradas de páginas do Facebook que as utilizam como nomes, as palavras *falsiane* e *obesiane* são **derivações sufixais**, com adição do fragmento de função sufixal *-ane*, aos adjetivos falso e obeso, neste caso os dois perdem a vogal *-o*. O fragmento *-ane* aparece em diversos nomes próprios na língua portuguesa como em: Fabiane, Cristiane, Lidiane, Viviane, etc., sendo assim temos uma ocorrência de um novo sufixo, agregando-se neste caso à adjetivos para indicar nomes femininos. *Falsiane* significa amiga falsa e já *obesiane* é pessoa que está acima do peso.

7- Impeachmar



[Redacted name]

28 de jun às 08:19 • 🌐

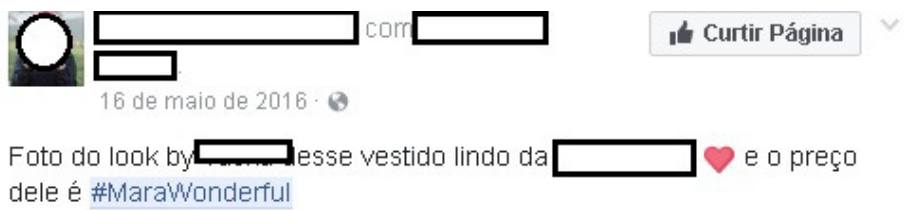
Veja porque vou "impeachmar" Dilma.

O vocábulo *impeachmar* é formado pelo substantivo *impeachment* + o sufixo verbal *-ar*, apresentando o processo de formação de palavras a **derivação sufixal**, já que a palavra *impeachment* está dicionarizada e foi acrescido na mesma o sufixo *-ar*. Neste caso, a primeira palavra de origem inglesa, que significa o processo político-criminal para destituição de mandato político de presidente, governador ou prefeito e a segunda de língua portuguesa, é um sufixo verbal da primeira conjugação.

Vemos que ocorreu a modificação de classe de palavras, pois deixou de ser um substantivo para tornar-se um verbo. A nova palavra criada relaciona-se ao *impeachment* ocorrido em 31 de agosto de 2016 contra a presidente da República do

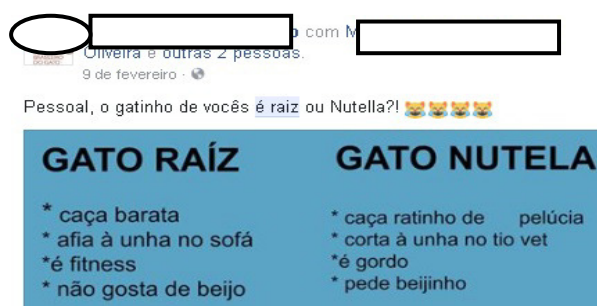
Brasil, que perdeu seu mandato político, o post é de um político que fez sua publicação para explicar por que motivos iria votar a favor do processo de impeachment.

8- Marawonderfull



A palavra *marawonderfull* é um **hibridismo**, já que é formado por palavras de línguas diferentes, *mara* (de maravilhoso) da língua portuguesa + *wonderfull* do inglês, os dois vocábulos são adjetivos e a criação lexical continuou a ser adjetivo, significando as duas bases a mesma coisa que maravilhoso.

9- Nutella e raiz



Na imagem acima temos uma comparação entre gato *raiz* e gato *nutela*, as palavras *raiz* e *nutela* estão sendo utilizadas com um novo significado. Conforme o dicionário, *raiz* é um órgão de uma planta, a parte escondida de qualquer coisa, base ou parte inferior de algo. Já na rede social é mostrada como algo que é autêntico, ou seja, um gato que não tem frescura. E *nutela* também teve seu sentido alterado, já que é uma marca de um creme de avelã com cacau e leite, e na imagem está sendo utilizado como algo com mais frescura.

10- Partiu



A palavra *partiu* ganhou um novo significado nas redes sociais, nos dicionários consultados o vocábulo *partiu* traz o sentido de dividir, destruir, quebrar, romper, ter início, já na **ressignificação** nos apresenta o sentido de sair.

11- Pokenautas, Pokeladrões, poktreinador, pokécorno e pokéstop



Atenção aos "Pokenautas" e assemelhados:

Pokémon, que significa demônio de bolso. O Criador é um jovem japonês chamado satochi tajari, o maior satanistas anti-Social de crianças no Japão; colecionava uma grande quantidade de insetos e criaturas minúsculas. Hoje tem 35 anos e lhe chamam otaku que significa: Só existe violência e destruição disfarçada de ternura.

A ideia principal é criar uma dependência a qual diz em seu slogan: Não importa como, tem que apanhar todos, tarefa que não acaba, porque cada vez tira um novo (as crianças roubam entre se as chamadas "Pokebolas"). O maior monstro desta série é um chamado aparentemente doce chamado picachu, que na realidade é uma oração oriental para invocar satanás, este tem uma cauda de relâmpago o que significa: rebeldia de Satanás, imita ser parte querubim e parte do Deus trovão (Lucas 10 Jesus disse-lhes: se, pois eu vi que satanás estava caindo do céu como um relâmpago). Estes monstros evoluem roubando a alma aos outros.



As novas criações lexicais *pokenautas*, *pokeladrões*, *poktreinador* e *pokécorno* são **hibridismos**, visto que foram utilizadas palavras de línguas diferentes para tais formação, a seguir mais bem explicadas: a) *pokenautas*: *poke*+ *nauta* (*poke* do inglês e *nauta* do latim), *pokenautas* ; b) *pokeladrões*: *poke*+ *ladrões* (*poke* da língua inglesa e *ladrões* da língua latina); c) *poketreinador*: *poke*+ *treinador* (*poke* do inglês e *treinador* do latim); e d) *pokécorno*: *poke*+ *corno* (*poke* da língua inglesa e *corno* do

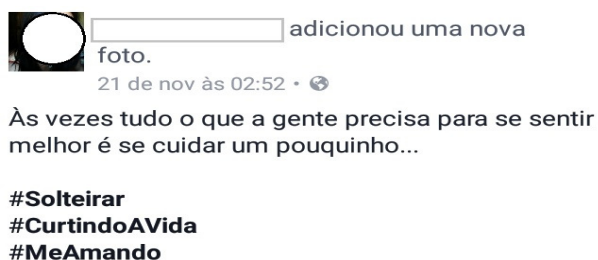
latim). Já *pokestop* (*poke+ stop*) é uma **composição por aglutinação**, pois a primeira base perde vogais e consoantes, já a segunda permanece em sua forma original. As novas criações foram produzidas a partir do jogo “pokemon go”, jogo eletrônico de realidade aumentada utilizado em telefones celulares, que virou uma febre no Brasil no ano passado, que tem por finalidade capturar pequenos monstros no mundo real, que estão espalhados por todos os lugares. O jogo sofreu várias críticas por parte de algumas pessoas, acusando-o de tornar seus jogadores alienados. Porém, houve outras pessoas que o defendiam, pois com o tal jogo as pessoas estavam saindo de casa para jogar, movimentando-se e respirando ar puro.

12- Rolerão



Na palavra *rolerão* há adição do sufixo *-ão* ao substantivo *rolé*, configurando-se como **derivação sufixal**, recebendo o sufixo de aumentativo *-ão* a base *rolé*. O significado desta criação lexical refere-se ao ato de dar um rolé, dar uma volta, fazer um grande passeio. Indica ainda que é um grande passeio, visto que a ideia do sufixo *-ãonos* conduz a algo grande, devido ser um sufixo de aumentativo. Podemos verificar que a classe gramatical foi não foi alterada, permanecendo um substantivo.

13- Solteirar



Em solteirar ocorreu uma **derivação sufixal**, já que temos a junção da base *solteiro* + o sufixo verbal *-ar*, neste caso ocorre a mudança de classe gramatical, onde um substantivo torna-se um verbo, a criação lexical traz o sentido de aproveitar o estado civil atual do usuário de solteiro, aproveitando sua vida.

14- Tretaísmo e tretará



Que **deboismo** o que , viva o Tretaismo \o/

Nossos Mandamentos:
1 - Não tretarás com seu próximo, pois és de boas.

As palavras *tretaísmo* e *tretará* são **derivações sufixais**, já que há a adição de sufixos nas palavras bases, *tretaísmo* é formado pela base *treta* + mais o sufixo *-ísmo*, que conforme Cunha e Cintra (2013, p. 111), indica o modo de pensar, sendo assim aquele que pratica o *tretaísmo* pratica a enganação. Em *tretará* é composto da base *treta* + o sufixo *-ará*, indicando o tempo verbal futuro, ou seja, quem enganará.

5.1 Resultados

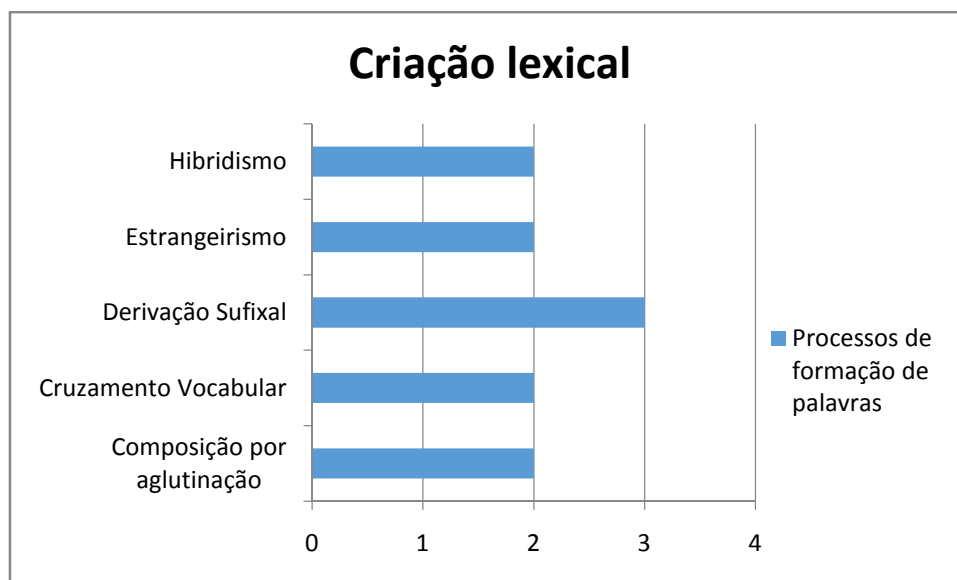
Para analisarmos os resultados das novas palavras e das que receberam novos significados no Facebook, continuamos com a mesma divisão que fizemos anteriormente, primeiramente averiguamos a criação lexical, secundamente a ressignificação e para finalizar a difusão lexical.

5.1.2 Criação Lexical

Na criação lexical abordamos as novas palavras que foram criadas por necessidade de utilização na rede social Facebook. Analisamos a formação de cada

palavra ou grupo de palavras, sua estrutura e apresentamos qual processo de formação as palavras pertenciam, de acordo com os processos de formação de palavra existentes na língua portuguesa. A seguir o gráfico dos processos de formação de palavras encontrados nas análises realizadas.

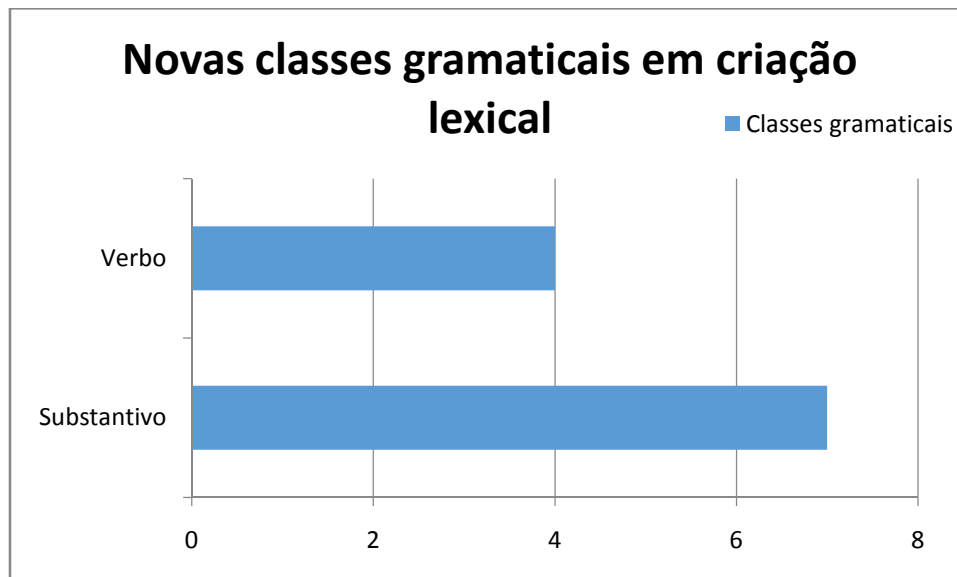
Gráfico 5 – Processos de formação de palavras na criação lexical



A autora

De acordo com o gráfico acima identificamos cinco processos de formação de palavras, a saber: *a)* composição por aglutinação; *b)* cruzamento vocabular; *c)* derivação sufixal; *d)* estrangeirismo e *e)* hibridismo. O processo mais produtivo é a derivação sufixal com 03 (três) ocorrências, e os demais tiveram 02 (dois) ocorrências cada um. Demonstrando assim que o processo mais produtivo na criação lexical de palavras no Facebook é a derivação sufixal, em que acrescentamos um sufixo à base da palavra. No gráfico abaixo mostremos as classes gramaticais que mais aparecem na criação de novas palavras na referida rede social.

Gráfico 6 – Classes gramaticais das novas criações lexicais



A autora

O gráfico acima nos apresenta as classes gramaticais das novas criações lexicais, apontando apenas 02 (duas) classes que são: o substantivo e o verbo. O substantivo aparece em maior quantidade com 07 (sete) casos, e o verbo em 04 (quatro) ocorrências. Logo o substantivo foi a classe gramatical mais produtiva na criação lexical, tendo assim (três) ocorrências a mais que o verbo.

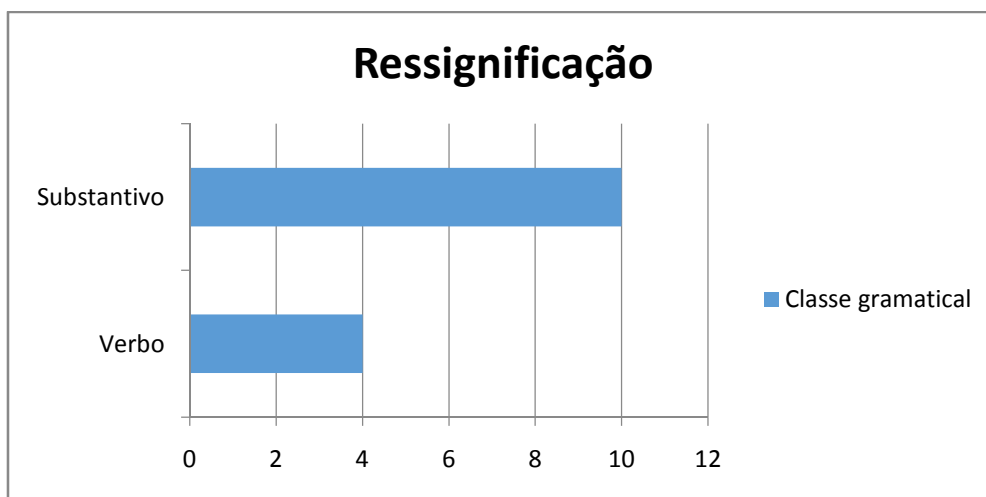
As criações lexicais apresentadas no item 5.1.1 deste capítulo, em sua grande maioria estão de acordo com os processos de formação de palavras da língua portuguesa. Apenas a nova palavra *Facebooker* não segue os padrões gerais de formação de palavras, já que nela há o acréscimo do sufixo *-er*, que é da língua inglesa e não da portuguesa. As demais palavras utilizam processos já existentes em nossa língua. Mesmo em estrangeirismo, foi utilizado sufixo de língua portuguesa, como em *stalkear* e *stalkeando*.

5.1.3 Resignificação

Na resignificação das palavras, vocábulos já existentes na língua portuguesa, que, com a utilização da rede social Facebook adquiriram novos significados, sentidos

esses que estão em um glossário criado na rede, mas que não constam nos dois dicionários consultados. Sendo assim, quando este novo significado não consta no dicionário, há uma ressignificação dessa palavra na rede social Facebook, mas, que fora desse ambiente as palavras ressignificadas continuam com seus significados já dicionarizados.

Gráfico 7 – Classes gramaticais das ressignificações



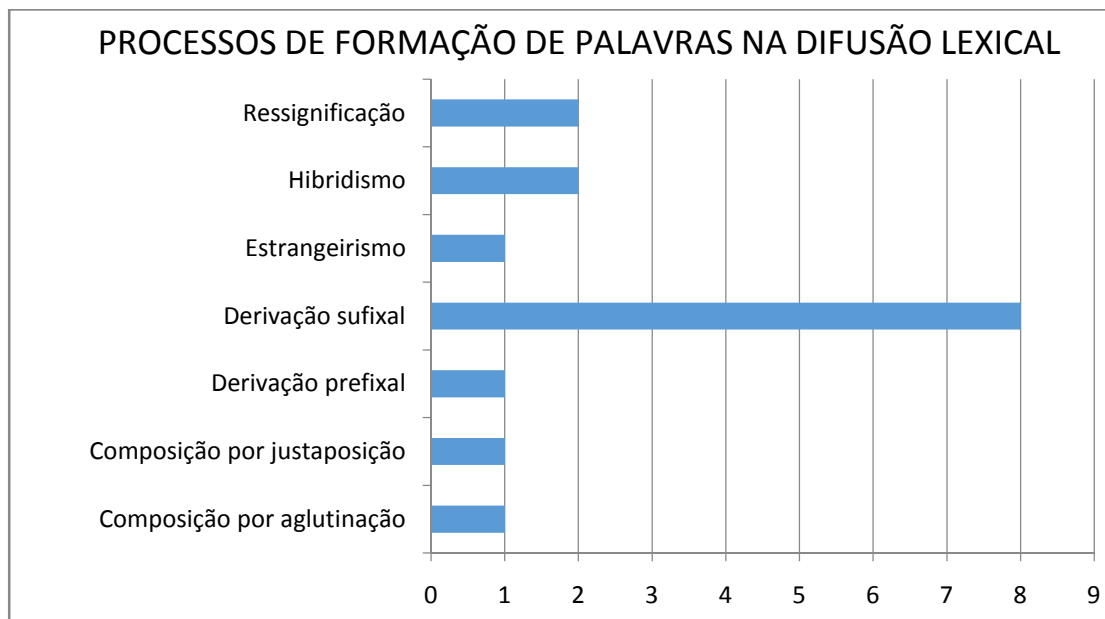
A autora

O gráfico acima nos apresenta as classes gramaticais das ressignificações, apontando apenas 02 (duas) classes que são: o substantivo e o verbo. O substantivo aparece em maior quantidade com 10 (dez) casos, e o verbo em 04 (quatro) ocorrências. Logo o substantivo foi a classe gramatical mais produtiva na criação lexical, tendo assim 07 (sete) ocorrências a mais que o verbo.

5.1.4 Difusão Lexical

Difusão lexical são as novas criações lexicais difundidas pela rede social Facebook. Neste caso são palavras que não foram criadas devido à necessidade da rede, no entanto, foram publicadas e disseminadas por intermédio da dita rede. Abaixo segue o gráfico dos processos de formação de palavras encontrados na difusão lexical.

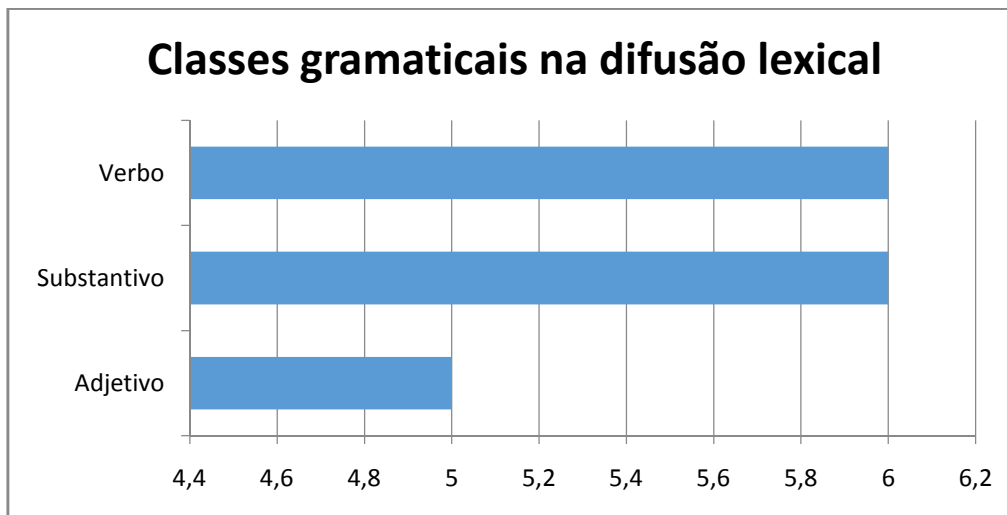
Gráfico 8 – Processos de formação de palavras na difusão lexical



A autora

O gráfico acima nos aponta os seguintes processos de formação de palavra: a) composição por aglutinação; b) composição por justaposição; c) derivação prefixal; d) derivação sufixal; e) estrangeirismo; f) hibridismo e g) ressignificação. O processo mais fecundo é a derivação sufixal com 08 (oito) casos, em seguida vem o hibridismo e a ressignificação com 02 (duas) ocorrências cada, e os demais processos, composição por aglutinação, composição por justaposição, derivação prefixal e estrangeirismo, aparecem com 01 (um) caso cada. Abaixo veremos o gráfico das classes gramaticais mais produtivas das novas palavras difundidas pelo Facebook.

Gráfico 9 – Classes gramaticais das novas palavras na difusão lexical



A autora

O gráfico acima nos aponta a presença de três classes gramaticais, sendo: adjetivo, substantivo e verbo. O verbo e o substantivo aparecem em 06 (seis) ocorrências cada um, e o adjetivo em 05 (cinco), sendo assim o verbo e o substantivo as classes gramaticais mais presentes nas novas palavras difundidas pela rede.

As novas palavras e novas significações apresentadas no item 5.1.3 deste capítulo, no que se refere aos processos de formação de palavras da língua portuguesa, estão todas de acordo, nenhuma nova palavra utilizou-se de processos inexistentes em língua portuguesa, ou de outras línguas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua é ágil, vive em constantes transformações, podendo seu acervo lexical ganhar palavras novas vindas do próprio vernáculo, por empréstimos e também dando novos significados a palavras já existentes. A renovação se dá devido à necessidade dos falantes, de nomear novos objetos e situações.

As redes sociais são ambientes virtuais em que as pessoas de várias faixas etárias estão conectadas instantaneamente, compartilhando ideias e conhecimentos. O compartilhamento dessas ideias culmina na difusão desses novos significados e também na criação de novas palavras.

Concluimos que grande parte das novas palavras estão de acordo com os processos de formação de palavras existentes na língua portuguesa, apenas uma nova palavra *facebooker* não utilizou estruturas já existentes da língua, já que acrescentou o sufixo *-er*, que não existe em processos de formação da referida língua, no entanto, na criação desta nova palavra foi feito um empréstimo desse sufixo da língua inglesa.

Na criação lexical o processo de formação de palavras mais produtivo foi à derivação sufixal, das 11 (onze) palavras analisadas, 03 (três) são derivações sufixais, e os demais processos aparecem com 02 (duas) ocorrências cada. As classes gramaticais que encontramos foram o substantivo e o verbo, o substantivo com 07 (sete) casos e adjetivo com 04 (quatro) ocorrências, sendo o substantivo a classe gramatical mais produtiva na criação lexical.

As palavras são ressignificadas de acordo com as necessidades de nomear as novas ferramentas e aplicativos, contidos na rede social, que tem esses significados únicos nesse ambiente, já quando são utilizados em outros espaços permanece o sentido em a palavra foi dicionarizada. E a classe gramatical dessas palavras ressignificadas foram o substantivo e o verbo, o substantivo com 10 (dez) ocorrências e o verbo com 04 (quatro) casos,

Na difusão lexical analisamos 16 (dezesesseis) novas palavras que são utilizadas na rede social, os processos de formação que foram encontrados nessas palavras são: composição por aglutinação, composição por justa posição, derivação prefixal, derivação sufixal, estrangeirismo, hibridismo e ressignificação. O processo mais produtivo foi a derivação sufixal com 08 (oito) ocorrências, em seguida aparecem o hibridismo e a ressignificação com 02 (três) casos cada um, e os demais processos

composição por aglutinação, composição por justaposição, derivação prefixal e estrangeirismo com 01 (uma) ocorrência cada uma.

As classes gramaticais das novas palavras que foram o adjetivo, o substantivo e o verbo. O verbo e o substantivo foram as classes mais produtivas com 06 (seis) ocorrências cada um, e o adjetivo com 05 (cinco) casos. Neste caso tanto o verbo quanto o substantivo foram as classes gramaticais mais fecunda na difusão de novas palavras na rede social Facebook.

Tanto na criação lexical como na difusão, as classes gramaticais que apareceram foram o substantivo, o adjetivo e o verbo, e nenhum advérbio foi formado nas palavras novas, classe essa que pouco aparece nos processos de formação de novas palavras.

Uma das possibilidades de uso das análises realizadas nesta dissertação é agregá-las ao processo de ensino em sala de aula em língua portuguesa, já que explicar os processos de formação de palavras e também as classes gramaticais, utilizando palavras que os educandos tenham contato diário, seria uma forma de trabalhar a realidade dos alunos juntamente com os conteúdos da grade curricular, despertando assim o interesse deles para esses conteúdos.

A internet, especificamente as redes sociais, é um campo muito amplo para novas pesquisas na área de linguagem, por ter muitas possibilidades devido ao seu grande alcance em nossa sociedade atualmente e por ainda existirem poucas pesquisas em língua portuguesa sobre o assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação Lexical*. São Paulo: Ática, 2007.
- _____, Ieda Maria. *Derivação prefixal*. In: RODRIGUES, Angela e ALVES, Ieda Maria. *Gramática do português culto falado no Brasil: A construção morfológica da palavra*. São Paulo: Contexto, 2015 p. 17-56
- BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos de neologismo*. São Paulo: Global, 1981.
- BARTON, David e LEE, Carmem. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. Tradução: Milton Camargo Mota. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. *Formação e classe de palavras no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Contexto, 2013.
- BECHARA, Ivanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2009.
- BRAGA, Denise Bértoli. *Ambientes Digitais Reflexões Teóricas e Práticas*. São Paulo: Cortez Editora, 2013.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. *Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf/view>>. Acesso em: 11 Jul. 2016.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- _____. Jr., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. *A trajetória da Internet no Brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança*. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006, 239 p.
- CARVALHO, Nelly e KRAMER, Rita. *A linguagem no Facebook*. IN: SHEPHERD, Tania G. e SALIÉS, Tânia G. (org.). *Linguística da Internet*. São Paulo: Contexto, 2013.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 1.
- CHOMSKY, Noan. *Diálogos com Mitsou Ronat*. São Paulo: Cultrix, 1977.

CORREIA, Margarita e ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

COSTA, Sérgio Roberto. Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper)textuais na Internet. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção. COSTA, Sérgio Roberto. *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

COUTINHO, Mariana de Souza e FARBIARZ, Alexandre. *Redes sociais e educação: uma visão sobre os nativos e imigrantes digitais e o uso de sites colaborativos em processos pedagógicos*. Anais eletrônicos do 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologia na Educação. 2010. Disponível em: <http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Mariana-Souza-Coutinho&Alexandre%20Farbiarz.pdf>. Acesso em 10 Jul. de 2016.

CRYSTAL, David. *A revolução da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____, David. *O princípio*. IN: SHEPHERD, Tania G. e SALIÉS, Tânia G. (org.). *Linguística da Internet*. São Paulo: Contexto, 2013.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 6ª ed. 2013.

HOUAISS. Instituto Antônio. *Grande dicionário online da língua portuguesa*. Uol, São Paulo, 2012.

KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Editora Ática, 2003.

LEITE, Yonne & CALLOUT, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2002.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Ed. 34, 1999.

MELO, Pedro Antonio Gomes de. *A dinâmica lexical da linguagem jornalístico-política em textos escritos em língua portuguesa contemporânea na última década do século XX*. In: SILVA, José Pereira de. *Neologia e Neologismos no Brasil – Século XXI*. Curitiba: Prismas, 2012. p. 33-52.

MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>> 2015.

McCLEARY, Leland. *Sociolinguística*. 2007. Disponível em: <<http://www.gpesd.com.br/?pag=downloads&categoria=&titulo=Sociolingu%EDstica>>. Acesso em: 14 Out. 2014.

PERINI, Mário. *Há risco para a língua?* (2001). *Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*. Entrevista concedida a *Revista com Ciência*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/entrevistas/marioperini.htm>>. Acesso em: 15 Out. 2016.

PIZZANI, L. et al. *A Arte da Pesquisa Bibliográfica na Busca do Conhecimento*. Rev. Dig. Bibl. Ci. Inf., Campinas, v.10, n.1, p.53-66, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/522/pdf_28> Acesso em: 30 Set. 2015.

RAJOGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editoria, 2003.

_____, Kanavillil. *Como o internetês desafia a linguística*. In: SHEPHERD, Tania G. e SALIÉS, Tânia G. (org.). *Linguística da Internet*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 37-53.

RIBAS, Elisângela. et al. *A influência da linguagem virtual na linguagem formal de adolescentes*. IX Ciclo de Palestras sobre Novas Tecnologias na Educação. Rio Grande do Sul. 2007. Disponível em: <<http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo9/artigos/8dElisangela.pdf>>. Acesso em: 10 de mar. De 2017.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estrutura morfológicas: do português*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2ª ed. 2008.

SANTAELLA, Lucia. *Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano*. Revista FAMECOS. Porto Alegre nº 22, dezembro 2003. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3229/2493>>. Acesso em: 20 de fev. de 2017

_____, Lucia. *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade*. 1ª ed. 2010, Editora Paulus.

SANTOS, Claudinei Marques dos e GOMES, Nataniel dos Santos. Gramática, Ensino e Ideologia: uma contradição de conceitos. In. *Web Revista Discursividade*. 2014. Disponível em: <http://www.discursividade.cepad.net.br/EDICOES/14/Arquivos/claudeineinataniel.pdf>. Acesso: 21 jan. 2017.

SANTOS, Jenniffer Kaiolany Garcia Martins. *Metaplasmos: a “evolução através dos tempos”*. Web revista página de debate: Questões de linguística e linguagem. Ed. 17. 2011. ISSN – 1984 - 5227.

SANTOS, Renise Cristina. *Neologismos Lexicais em Gênero Textual Emergente: análise de textos veiculados no Facebook*. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. 2013, 116 p.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCARPA, Ester Mirian. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Christina (orgs) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, v.2. – 2. Ed. - São Paulo: Cortez, 2001.

SHEPHERD, Tania G. e SALIÉS, Tânia G. (org.). *Linguística da Internet*. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA, José Pereira da. *O método em filologia*. Revista Soletras. Edição nº 23. 2012. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/3883/2712>. Acesso: 20 jan. 2017.

TORRANO, Sandra Delneri Petean. *Produtividade e criatividade do léxico: os neologismos na área de informática*. 2010. Dissertação (de Mestrado). – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-13122010-091854/publico/2010_SandraDelneriPeteanTorrano.pdf. Acesso em: 18-10-2014.

XAVIER, Antonio Carlos. *Leitura, texto e hipertexto*. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio e XAVIER, Antonio Carlos (org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. São Paulo: Cortez Editora, 2009. p. 207-220

WordReference, Dicionário Online. Disponível em: <http://www.wordreference.com>. Acesso em: 29 de abril de 2017.